

The cover features a surreal landscape. A large, dark, keyhole-shaped opening in the ground reveals a vibrant sunset or sunrise sky with golden clouds. A woman in a light-colored dress stands on the grassy edge of the keyhole, looking into the light. The background is a dark night sky with a crescent moon and stars. The title and author's name are written in a stylized, red font with white outlines.

Conto histórias para encantar
Contos para qualquer idade

Roselene Dias

Trairi-Ce
2017



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Conto histórias para encantar

Contos para qualquer idade

Roselene Dias

Fortaleza - Ceará
2017



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Antonio Idilvan de Lima Alencar
Secretário da Educação

Márcia Oliveira Cavalcante Campos
Secretária Adjunta da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva da Educação

Julianna da Silva Sampaio
Assessoria de Comunicação - ASCOM

Rogers Vasconcelos Mendes
Coordenador da CODEA/Gestão Pedagógica

Iane Terceiro Nobre
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

Elane Maria Feijó Borges
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem - CODEA / Gestão Pedagógica

Conselho Editorial

Prof. Adriano Silva Lima
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Prof. Genivaldo Macário Castro
Profa. Gleissiane Ferreira
Prof. Hylô Leal Pereira
Prfa. Ideigiane Terceiro Nobre
Prof. Ilde Guedes da Silva
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes
Prof. Rosendo Amorim de Freitas
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Paulo Venício Braga de Paula
Prof. Jefrei Almeida Rocha
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira
Profa. Antonia Varele Gama Silva

Edição

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

Revisão

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Paula de Carvalho Ferreira

Projeto Gráfico
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Diagramação e Arte-Final
Gráfica Digital da SEDUC

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696c Rodrigues, Roselene de Oliveira Dias.
Conto histórias para encantar: contos para qualquer idade.–
Fortaleza: SEDUC, 2017.

124 p.

ISBN: 978-85-8171-169-0

1. Literatura. 2. Conto. I. Título

CDD 869.93

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducaoCeara

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas, considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Apresentação

“A leitura é uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim”
(Sandro Costa)

É na infância que o mundo da descoberta começa a florir. O período de deslumbrar e explorar o que até então estava inatingível, também, que estão contidos os nossos melhores momentos e as nossas mais deliciosas recordações. Lembro-me, saudosa e alegremente, das histórias que ouvia, sentada à saia de minha avó, das correrias, das brigas, dos choros e das alegrias desse doce momento da vida. Essa belíssima obra proporciona-nos essa volta ao doce mundo infantil.

Assim, convido você, caro leitor, a se deleitar nesse mundo de prazer. No mundo encantado da leitura que existe dentro de cada um que se permite a desbravar, a mergulhar, a se encantar com essas histórias que nos arrebatam da realidade.

Nossa querida autora Roselene Dias consegue, com maestria, apresentar-nos outros espaços. Essa leitura tira-nos o fôlego, tirando-nos da cadeira e nos leva para dentro de um universo fantástico, mexendo com nossas mais remotas e guardadas recordações, mexendo com nossas emoções. Essa leitura é apenas o início, o começo do infinito de sensações que você sentirá ao fechar os olhos e sentir o rio, o mar, o verde, a natureza, a noite, o café, o afago da mãe...

Cada palavra vai ganhando significado especial e a alegria da leitura vai longe... cada frase vai se estreitando e ganhando relação com você, leitor, que ao final dessa leitura, certamente, sentirá que esse livro foi escrito para ficar na sua memória.

Uma boa leitura!

Por Raquel Almeida

Epígrafe

*Atravessei os setes mares e por todos os lugares por onde andei
você me dava a vida. Foi uma dádiva da natureza esta coisa acesa
que hoje vejo em ti. Não acredito nem que o mundo chora, pois
bonito agora é ver você sorrir.*

Morais Moreira

Palavra da autora

Minha alegria é estar aqui, mais uma vez, mostrando que é possível ser um bom leitor.

Convidar-lhe a fazer parte desta prosa boa que nos faz abrir trilha para o conhecimento.

O Sensacional I foi um compromisso em versos que devia a mim e ao meu pai. Agora apresento o Sensacional II para encantar o imaginário de cada leitor, jovem ou adulto que lerá para os pequeninos.

Obrigada mais uma vez!

Boa leitura!

Um forte abraço.

E vamos viajar para um espaço e um tempo do nosso imaginário.

Sumário

I - SALVEI-ME NAS ASAS DE UM ANJO	11
II	13
III	15
IV	20
V	24
VI	28
VII	33
VIII	41
IX	53
X	59
XI	62
XII	65
OS MISTÉRIOS DA BOLSA DA MAMÃE	67
PESADELO	85
NATAL	89
A PRINCESA	93
O SAPO XADREZ A INVESTIGAÇÃO	105

SALVEI-ME NAS ASAS DE UM ANJO

I



Olhava atentamente para o quadro pintado a óleo da sala da minha casa. Posso detalhá-lo de maneira precisa como se eu mesmo fosse o autor desta obra tão nítida. Árvores verdes, altas e frutíferas, deixavam-me a impressão de que elas estavam balançando ao sabor do vento. No chão, a relva que abrigava aos insetos diversos e de multicores parecia que havia um colorido feito a lápis de cera.

A casinha. Há! A casinha, com telhas avermelhadas e dos fundos saía uma chaminé com fumaça acinzentada e faíscas incandescentes que subiam pelos ares.

Na fachada uma porta estreita e uma janela voltadas para o nascente. O sol amarelo lançando seus raios como se estivesse sorrindo.

Surgiu pelo caminho uma estrada de pedra e andando por ela um homem alto, magro, feioso, branco, conduzindo uma vaquinha e um bezerro.

O cãozinho era uma *companhia* fiel ao lado do homem; dando latidos inibidos para mostrar que ali estava em defesa do amigo.

Ao lado da pequena morada galinhas, pintinhos e outras aves faziam a festa, pois, no quintal havia uma mulher gorda, baixa e de avental, que pelo aspecto há tempos não o lavava, seus chinelos de dedos arrastando fazia barulho como se quisesse impor sua presença, ela jogava milhos para os bichos que corriam para seus pés com urgência para se alimentar.

O céu tão azul, com nuvens a se confundir com lindos bordados feitos nas almofadas de renda de bilros em cor branca e delas poderíamos até criar estampas diversas como: carneirinhos, anjos e quem sabe até um rosto humano, é a imaginação quem manda. Continuei com os olhos fixos no quadro, parece que sai de mim de tanto tentar dar vida aquela cena que fora presente de natal que uns parentes de minha mãe haviam trazido do Rio de Janeiro, era motivo de admiração e elogios por todas às pessoas que entravam na minha casa.

Meu pai se orgulhava e fazia comentários sobre a riqueza de detalhes observada na obra de autor desconhecido que por muito tempo enfeitava nossa sala.

Fim

II

Era cedo ainda e já se podia contemplar os primeiros raios de sol pelas venezianas da janela, acordei com sede e levantei-me devagar para não acordar Marina que ressonava em uma beliche superior, calcei as meias e saí pé ante pé, a sala estava clara, não precisei acender um toco de vela que minha mãe sempre deixava ao alcance de nossa mão em caso de blecaute, não entrarmos em pânico.

De repente uma voz distante:

- Zeca.

Olhei para os lados e não vi ninguém.

Lembrei-me do meu pai dizer que homem não pode ter medo, medo não é coisa de homem.

Pensei:

- Ora bolas, tenho que ter medo, só tenho dez anos, ainda nem uso calças compridas.

- Tenho medo sim.

E a voz insistiu:

- Aqui, Zeca, no quadro.

Retruquei espantado:

- No quadro!

- Quadro não fala.

Esfreguei os olhos, deveria está dormindo em pé.

Era Luiz, um menino que surgiu na janela onde nascia o sol. Sorriu para mim como se me conhecesse. Acredito que me conhecia mesmo. Há quanto tempo aquele quadro não estava plantado ali na parede?

O garoto franzino e risonho me fez o convite:

- Zeca, quer vir brincar aqui?

- É só pular.

- Olha a relva macia e a areia pra jogar bola!

Num piscar de olhos estávamos montados no lombo de um burro aos galopes pela estradinha de pedras.

Luiz ouviu a voz de seu pai:

Aquele homem magro do quadro, agora ali tão perto e verdadeiro.

- Filho!

- Cuidado com o garoto, ele pode não está acostumado com a vida do campo.

Olhei para trás e gritei:

- De tanto admirar a paisagem do quadro na sala de minha casa, já conheço bem os caminhos, aprendi muito com o meu imaginário!

O homem deu uma risada. Entrou em casa com o botijão de leite ainda quentinho. Encheu um copo e tomou.

De longe avistávamos a chaminé soltando fumaça, certamente era a mulher de avental preparando quitutes deliciosos para a família.

Ela saiu para o quintal, foi ao poço e de lá puxou água para matar a sede dos animais. Falava com cada um com muito carinho e cheia de graça:

- Malhada, venha beleza, tomar água para fortalecer seu leite e alimentar seu bezerrinho. -Venha depressa.

- Oh! Bolinha de lã! Como está fofinho, meu carneirinho, faça mé, mé, vamos, faça!

- Peludo! Cãozinho amigo, olha lá sua vasilha!

- Está cansado. Não?

- Este caminho é tão longo.

E continuava a falar palavras de carinho para todos:

- Linda moça nova, galinha poedeira, quero fazer muitas omeletes.

E para os pintos amarelos, pingo de ouro e para os pretinhos, pérola negra, e assim, a mulher ia conquistando cada um.

Fim

III

Tomamos banho no riacho de água cristalina, nem me importei por não está com roupas apropriadas.

Pulávamos feito piabas, saltos rápidos e a água subia, tão limpa e brilhante que suas bolhas pareciam pérolas.

Luiz apoderou-se da linha, anzol e isca e jogou na água no afã de encher o cesto de peixes, fez inúmeras tentativas e nada, o sol muito quente, queimava as maçãs de nosso rosto sem piedade.

O menino do quadro decepcionado:

- Eu tentei, queria que você provasse como é saboroso o peixe daqui.

Consolei-o dizendo:

- Que nada, você é um grande pescador.

- Acho que os peixes estão descansando.

- Quem sabe amanhã, eles não saem de suas locas?

Deitamos na areia branquinha do riacho, jogando as pedras frias pra dentro, aproveitando a tranquilidade do ambiente perguntei:

- Luiz, onde fica a escola?

- E a praça?

- Por onde você passeia?

Ele fitou-me e senti um vazio em seu olhar.

- Vamos diga!

O menino falou:

- Não há nada disso aqui.

Continuei:

- Não sabe ler?

- E as histórias não sabe contar?

- Nunca ouviu?

Luiz admirado:

-E você sabe histórias?

- Quais?

- Você pode me contar?

Demonstrando alegria:

- Claro, muitas, posso lhe ensinar.

- Vou lhe contar muitas histórias e então, você verá como o mundo é grande.

- Vai muito além do que nós sonhamos.

Luiz ouviu de longe o grito de sua mãe, aquela Senhora gorda de avental surrado:

- Filho!

- Guarde o animal e se prepare para o almoço.

Pegamos o burro e levamos para o estábulo, demos água e capim, fechamos a porteira e saímos com a vara de pescar e nenhum peixe. Estávamos queimados de sol, mas, nenhum cansaço ainda tinha muito a descobrir naquele dia.

Luiz não escondia seu contentamento, olhava para mim com muita admiração como se eu fosse do outro mundo. Talvez ele ainda não tivesse se dado conta de que eu vinha realmente do outro mundo.

Percebi com muita estranheza que todos me olhavam sem fazer pergunta como se eu já fizesse parte daquela realidade cheia de fantasias.

Cheguei a pensar:

- Será que não desconfiam que eu venha de outro mundo?

Fomos nos aproximando daquela casinha de porta estreita, na sala uma mesa com três cadeiras de madeira e o assento de couro de carneiro, o corredor comprido nos conduzia à cozinha. Sobre a mesa uma diversidade de frutas que davam um colorido especial ao ambiente.

A Senhora de avental abanava as brasas do fogão à lenha ateando o fogo para apressar a refeição.

Dirigiu-se a mim com estranheza, foi o primeiro momento em que percebi que não era daquele lugar:

- De onde vem, menino?

Luiz não me deixou responder, trocou o tema da conversa.

- Vamos lá, me fale das histórias que você conhece.

Olhei a Senhora de avental surrado, fiquei atrapalhado, porém tentei começar:

- Eu... Eu... Já li o livro de um menino que... que...queria desenhar uma jiboia, contudo, quando ele mostrava para as pessoas sua arte ninguém entendia, sendo motivo de muita angústia e fez inúmeras tentativas, mas, até que...ah! Esqueci o resto, só sei que ele era um príncipe pequeno.

- Um príncipe, menino?

- Acho que sim. Zeca demonstra cansaço.

O olhar daquela senhora me deixava desconsertado, quem sabe, ela já sabia que eu era de outro mundo. O almoço servido nos pratos, estávamos com muita fome, ficamos tempo demais pescando no riacho, inutilmente.

Saboreei a refeição. Incrível o sabor!

Minha mãe diz que o melhor tempero para a comida é a fome, pode ser verdade, mas não neste caso.

Tomamos suco de goiaba. A fruta fora tirada do pé pelo homem magro e feioso.

As goiabas eram enormes, amarelas com o interior vermelho, o suco muito gostoso lembrou-me Marina. Ela gosta muito de goiaba.

Fiquei pensando:

- Depois do almoço, qual seria o próximo passo? Sem nenhuma inibição perguntei ao Luiz.

Ele deu resposta imediata através de gestos.

Juntou as duas mãos espalmadas e as colocou no lado do rosto e inclinou a cabeça.

Falei sorrindo:

-Dormir...

Juntos demos uma grande risada.

Na casinha de porta estreita, não percebi que tinha amplos alpendres com redes armadas. Sentei em uma com cuidado por não ter costume de dormir em uma delas.

Luiz deitou-se muito à vontade e deu muitos balanços altos que dava a impressão de estar em um parque de diversões, disso eu entendo bem.

- Na sua casa é assim? Perguntou Luiz.

- Não. Temos beliches, ou seja, camas duplas, utilizamos escadas para subir.

- Eu não descanso muito, porque estudo pela manhã e à tarde, faço os deveres da escola.

A professora passa muitos, muitos deveres.

A tarde chegou e com ela um vazio no meu coração, sem entender o porquê.

Ansioso por querer saber qual seria a próxima aventura.

Luiz ouviu sua mãe lhe chamar:

- Acompanhe seu pai.

Luiz me lançou um olhar convidativo. Imediatamente, compreendi a mensagem e de um pulo já estava na estrada de pedras, nem procurei chinelos, acredito ter feito esta viagem com os pés descalços.

Perguntei curioso:

- Para onde vamos?

Ele sorriu brincando:

- Não tenha medo. Tudo aqui é previsível.

O dia faz a troca com a noite, sem consulta, quando olhamos para o céu a lua chegou sem pedir licença e assim todo dia é o mesmo dia.

Exclamei:

- Será que vocês não tem sono?

- E o amanhecer?

Acompanhamos os passos do homem magro para guardar a vaquinha e o bezerro.

- Entre aí malhada, leve seu filho.

A vaquinha entrou sem questionar.

Mais à frente abriu o chiqueiro das galinhas, linda moça nova, sempre no comando dos pintinhos.

Passamos no estábulo, lá estava o burrinho recolhido para a lida no dia seguinte.

Bolinha de Lã latia e corria com rapidez.

Retornamos para a casa para o banho e nos preparar para ver a chegada da lua.

Ao nos aproximarmos da casa, olhei e vi a chaminé trabalhando e pensei:

- Que cheiro de café!

Quando chegamos à cozinha, pratos cheinhos de sopa e a fumaça subia.

- Que delícia!

Lembrei-me da minha mãe e quis chorar, todavia Luiz chega aos gritos:

- Ei, menino do outro mundo!

Já estou folgado. Agora quero que termine a história do príncipe menino.

- Ah! Podemos deixar para depois?

- Estou com uma saudade não sei de quê.

- Vou tentar descobrir a razão do meu vazio.

Fim

IV

O homem magro e feioso saiu de casa no final da tarde, certamente para pescar, pois, conduzia a vara e o anzol. Ia ao riacho de água cristalina, que eu também não via no quadro.

Camisa aberta, calça dobrada até o joelho, seguiu pela estrada de pedra, esta, sim, eu via com clareza na pintura a óleo. Andou, andou, até desaparecer ao longo do caminho.

Quis segui-lo, porém a Senhora gorda achou por bem esperá-lo. Enquanto isso, ela foi ao coqueiro subiu sem pedir ajuda e com as mãos tirou dois cocos e os colocou no bolsão do avental, num piscar de olhos ela saiu escorregando, escorregando pelo tronco e pisou no chão diante dos meus olhos apavorados.

Exclamei:

- Incrível!

Quase sem acreditar no que tinha acabado de ver. Em seguida, pegou o marisco e raspou os cocos e, vez por outra, cantava:

- Volta jangadeiro amor meu.

- Estou preparando o tempero para

-Para o peixe que peixe que é todo teu.

lá, lá, lá...

e o marisco dava a melodia aos versos.

Pelo contentamento da boa senhora, ela aguardava uma boa pescaria, leite de coco e verduras cortadas.

De longe, uma voz quase imperceptível parecia em apuros:

-Socooooooooooooooooorro!

-Socooooooooooooooooorro!

-Quem me há de acudir?

O tempo parou. Ficamos em silêncio a ouvir para saber de qual direção vinha aquele apelo.

A senhora de avental foi até o alpendre e nós lhe acompanhamos.

Ela olha para Luiz com aflição:

- É teu pai.

- Vamos até lá.

Luiz reluta:

- Mas não sabemos que direção tomar.

Ela, em passos largos, é por ali. E seguiu na estrada de pedra e fizemos carreira.

- Pernas pra que te quero?

De longe, ela reconheceu o homem magro, espichado no chão.

Luiz, coitadinho, banhado de lágrimas e com voz trêmula, soluçava em desespero.

A mulher indaga com urgência:

- O que houve homem de Deus?

- Tu gritando desse jeito?

Ele, confuso, apontou para o riacho, porém o nosso susto não fora menor, pois na beirinha da água, podíamos visualizar uma cabeça grande, quase fora da água e um vulto de um corpo comprido como se fosse uma calda, parado indiferente a tudo que o rodeava naquele momento.

- Meu Deus! Exclamei apavorado.

Luiz murmurou:

- Um jacaré!

Nos entre olhamos e a imaginação foi pelos ares.

Pensando no perigo a que fomos submetidos durante a manhã de nossa pescaria.

Ainda imóveis, não sabíamos como superar aquele vexame, pois para a região não era um evento comum. A tremer de medo, fomos ficar próximo do casal que também estava em pânico.

Perguntamos ao homem magro:

- O senhor está ferido?

Ele nos olhou com olhos de pavor:

- Foi por pouco, no primeiro lance, ele engoliu a isca com vara, anzol e tudo, não comeu a minha mão por que fui rápido demais e o deixei só querendo.

Exclamamos:

- Graças a Deus!

A senhora gorda e de avental lamentou:

- Adeus peixada, vamos para casa comer os ovos da linda moça nova.

Não deixei por menos:

- Ei, Luiz, que lugar previsível é este?

Ele sorriu:

- Confias!

No caminho para casa o homem feioso ia amparado pela mulher.

Fui tomado por um pensamento insistente:

- O que podemos fazer para liquidar com este jacaré?

- Caso contrário não vamos mais tomar banho no riacho.

-E pescaria agora só se for de jacaré.

Apelei para Luiz que estava se recuperando do susto:

- Você não acha que deveríamos pedir ajuda?

Ele ainda atônito; choramingando:

- Impossível. Aqui é muito longe de tudo, chamam até de paraíso esquecido por Deus.

Temos que aguardar um tempo até o jacaré cansar de esperar pela próxima presa. Quem sabe toma outro rumo e nunca mais volta.

Nesta noite a fumaça não será vista na chaminé. Este episódio deixou

todos com poucas palavras e ações.

Tomamos banho e sentados, à mesa, em silêncio profundo, comemos os ovos da linda moça nova com pirão.

O homem magro nada colocou na boca, estava pensativo e arredio, acredito que este pavor que sentira devia ser singular em sua vida.

Levantou-se do assento de couro e saiu em busca de acolhida no quarto do casal.

Quando chegou à porta, olhou para nós e falou em tom de preocupação:

- Eh... pequenos, de agora para frente, todo cuidado é pouco, em busca de peixe.

E desapareceu porta adentro.

A senhora gorda, um pouco mais tarde, passou por nós com uma xícara coberta com umas folhas verdes, quem sabe era um chá para acalmar o homem.

Fim

V

Passado o susto, a Senhora de avental sentou-se à mesa conosco e começou a contar que, antigamente, para as bandas do paraíso esquecido por Deus, viveu um feiticeiro, cuja casa ficava às margens do riacho, dizem que ele tinha um grande caldeirão e que seus dias e noites eram reservados para fazê-lo ferver. Uma vez ou outra saía pela mata em busca de ervas para preparar misturas e fazer feitiços.

Um dia, sexta-feira, era dia treze, ele colocou tanta coisa na fervura que o caldeirão foi aos ares, explodindo com casa, feiticeiro e tudo, dizem que era meio - dia e que de longe se avistava as tochas de fogo que o vento levava.

Luiz espantado, indagou:

- Esta história eu nunca ouvi ninguém contar.
- E depois o que aconteceu?

Eu arregalei os olhos para o lado da mulher:

- Misericórdia! Sangue de Cristo!

Ela deu continuidade ao relato e nós esquecemos os pratos.

- pois é isso é coisa do povo antigo.

Luiz ansioso:

- Continue, mamãe.

E a narrativa discorria:

- Ele andava pelas redondezas, pedindo ajuda a um e a outro.

Dizem que com as doações fazia as mandingas, feitiços para prejudicar o povo do lugar.

Os moradores resolveram não ajudar mais, pois na casa onde ele andava, morriam os bichos que lá tivesse.

Morria gato, cachorro, galinha, carneiro, vaca.

Até uma moça que criava um sagui e andava com ele no ombro, um dia, o feiticeiro olhou e o bichinho amanheceu o dia morto.

Depois destes fatos a população resolveu não ajudar mais e, com o tempo, ele foi se isolando, todo mundo com medo foi se mudando daqui. Vivendo sozinho, lá perto do riacho, até os peixes foram desaparecendo de lá e o riacho foi engolido pelo mar.

Certo dia, fazendo feitiçaria, descobriu uma porção que o transformaria em um bicho feroz e depois de experimentar a dose e jogar restante no riacho, ele criou água demais e surgiu um enorme jacaré. E para acabar esta história, o bicho vem reclamar as coisas que o feiticeiro perdeu.

Nós mesmos nunca tínhamos visto o jacaré encantado. Agora deveremos ter muito cuidado, antes era só lenda, porém agora nós vimos de perto com nossos olhos que a terra há de comer um dia.

O dia fora muito puxado, cheio de aventuras, esta conversa de lugar previsível, fica uma dúvida, somente o tempo dará a resposta. Olhei para o corredor da cozinha, vi uma escuridão de amedrontar, mas caminhei até a sala.

Era uma noite em que a lua resolveu repousar, mesmo assim conseguia vê a areia branquinha ao redor, o céu estava muito alto, eu jamais tinha percebido que ele se afastava da terra. Fiquei imaginando os quilômetros de distancia, não consegui e pensei:

- Puxa vida, isso é incalculável para a minha idade.

Nesta noite as estrelas combinaram lá no céu, para surgirem todas de uma vez. Com espanto meus olhos não cansavam de admirar aquele tecido todo bordado em linhas de prata com pedras de brilhantes e eu apontava com o dedo indicador:

-Ah! Todas as formas e tamanhos!

O céu corria de um lado para o outro incansavelmente, comparo a passos de dança.

Minha cabeça, meu pescoço e meus olhos não aguentaram o movimento do céu, era um ritmo que eu desconhecia. Deitei na areia branquinha, de olhos para cima, toquei no solo bem limpinho, era uma viagem em que poucas pessoas se dispõem a fazer, acompanhar o passo do firmamento.

Com a respiração ofegante de tanto tentar acompanhar as peripécias celestiais, não percebi que havia uma sombra escura por trás de mim, ao se aproximar, aquele manto branco, com os orifícios dos olhos faiscando em brasa e gestos muito rápido nos braços como se fosse voar a qualquer momento.

Arregalei os olhos, de súbito, andei para trás me arrastando no chão como um caranguejo, lá na frente, fiquei de pé e não economizei a garganta:

- Não!
- Socorro, socorro, socorro!
- Acudam-me, um fantasma!
- É o feiticeiro da caldeira, veio me buscar!
- Socorrrrrrrrrrrrrrrroooooooooooooo!

O vulto parou na minha frente. Pensei:

- não posso mais gritar.
- Vou acalmar o sangue e tentar falar.

Com voz de pavor, enfrentei, tentando uma conversa amistosa.

- Acho que não há diálogo entre fantasma e menino.

Embora muito assustado, disse:

- Senhor feiticeiro, boooa noite!
- O riacho é pra lá.

O feiticeiro fazia:

- UUUUUUUUUUU ! Na minha direção.

E olhou para trás, sempre com as asas ao vento.

De repente se utilizando do fator surpresa, correu para cima de mim.

Num fôlego único, corri pra dentro da casa sem destino certo e aos berros:

- Não, senhor feiticeiro!

Estava tão aterrorizado que caí no colo da senhora gordo e de avental surrado.

Banhado em lágrimas, o feiticeiro olhou para mim e soltou uma rizada ensurdecadora e foi logo tirando os tocos de velas que estavam em seus olhos e jogando para longe o manto que o cobria, ouvi a voz de Luiz:

- Corajoso amigo do outro mundo?

Forçava a visão sem acreditar que era o menino franzino do quadro que me pregava esta peça.

Olhei com mais calma e falei:

- Esta brincadeira é de mau gosto, não gostei, imaginei que fosse o fantasma do feiticeiro em busca das coisas perdidas na explosão.

- Cheguei a pensar que seria enfeitiçado igual ao jacaré.

A senhora de avental, pela primeira vez, me lançou um olhar de carinho e ralhou com Luiz austeramente:

- Meu filho, com amigos não fazemos estas travessuras, tenha cuidado, às vezes, por conta dessas brincadeiras perdemos a oportunidade de conservar bons amigos.

Luiz de cabeça baixa aproximou-se de mim:

- Desculpe-me, vamos contar as estrelas?

Olhei para ele e senti que seu arrependimento era sincero e me adiantei:

Fim

VI

Conheço tudo do céu, estrelas, planetas, constelação, meteoros e...

Nem sei mais o que.

Luiz encantado:

- Você é amigo das estrelas?

Zeca já recuperado do susto:

- Não. Eu já estudei sobre os astros na minha escola.

Luiz ainda curioso:

- Acredito que, quando conhecemos a pessoa ,é porque, somos amigo dela. Não?

Continuei com paciência:

- As estrelas não são pessoas, são astros iluminados, elas têm luz própria, quase não percebemos o seu deslocamento, chegamos até a pensar que é o céu que anda, mas, na verdade, são os astros que fazem a caminhada. Você entende?

Luiz demonstrando interesse:

- Entendi. Fale mais, quero saber tudo sobre os astros.

Pensando bem a escola me deu a oportunidade de conhecer tudo isso, na aula de ciências.

Já tenho dez anos, já faço o quarto ano sempre me interessou o estudo da astronomia, sentia-me bem poder passar para Luiz tudo que aprendi, pois ele vive distante de tudo, é outro mundo.

De repente, encontrei uma maneira de explicar melhor.

Peguei um graveto e comecei a desenhar o sistema solar, não sabia tudo, mas, aos poucos, fui lembrando;

Na areia branquinha desenhei um sol feliz e sorridente rodeado de raios.

E aos poucos foram surgindo os planetas.

- Vamos falar de estrelas.

Luiz animado:

- Quero saber tudo do céu.

Zeca, solícito, coloque-se à disposição:

- Além das estrelas que já lhe falei, também há os planetas.

- veja os planetas, são onze, todavia só lembro-me de alguns.

Zeca desenhou uns círculos em diversos tamanhos, veja, estes são planetas, eles não têm luz própria e giram em torno de uma grande estrela e é ela que empresta luz para eles.

Luiz compreendendo:

- Se o sol fosse estrela. Ele poderia emprestar?

Zeca satisfeito:

- Claro. O sol é uma estrela.

- Valeu! Dr. Sabe tudo, está aprendendo mesmo.

-PARABÉNS!

Neste momento, os meninos celebram o grande aprendizado com um toque de mãos abertas, posição frontal e com a devida força para um rápido estalo.

O pequeno aprendiz não tirava os olhos negros e brilhantes do chão, acompanhando. Assim, todos os gestos realizados por aqueles pequenos e ágeis dedos.

Luiz apresenta um grau de curiosidade peculiar nas crianças, elas conseguem fazer uma tempestade de perguntas ao mesmo tempo.

- E agora o que você está desenhando?

Zeca, orgulhoso de si mesmo, responde com categoria:

- Desenhando os planetas.

Luiz olha para o céu e indaga baixinho:

- Como poderia identificar os planetas?

A resposta chega veloz:

-Não pode. Nossos olhos são pequenos demais para realizar este feito. Nós não temos olhar de gavião.

Zeca convenceu Luiz de que o céu é muito longe para ter visão exata das coisas, temos que usar um instrumento, que coloca no olho e tem uma lente que torna as coisas pequenas em grandes. Solicitou que ele olhasse para os desenhos com atenção que já era de grande ajuda.

Começou a nomear os planetas:

- Veja, este é Plutão. Ele é bem pequenino, chamam-no até de anão.

- Terra é o nosso planeta. Luiz, você vive na Terra.

Nosso planeta é diferente, ele tem água, ar e muita natureza. Por isso, vivemos aqui, mas, os astronautas, eles vivem viajando no espaço para descobrir novidades pelo céu.

Zeca, com convicção:

- Fique sabendo que o homem já foi à lua e voltou, e outros também foram, e já voltaram e ouvi dizer que ainda vamos fazer passeios incríveis.

- já imaginou arrumar as mochilas e viajar numa imensa neve espacial com destino a lua?

-Olhe, Saturno, ele é diferente, não é só redondinho não, ele tem uns anéis e é bem perto do sol.

Luiz se manifesta:

- Então lá não tem inverno e nem primavera, as flores não nascem e nem as frutas.

- Deve ser difícil viver lá.

Zeca concorda:

- É verdade. Onde não há chuva, é impossível viver.

- Zeca, e os dedos são para Saturno usar os anéis?

Pergunta Luiz,

-Ora, meu rapaz, não seja bobo. Saturno não é gente,

anéis é um nome inventado para diferenciá-lo dos outros, talvez.

- Agora, Marte! O planeta vermelho, dizem que tem gente por lá, ele é bem pequeno.

Comecei abrir a boca, bocejando de sono, pedi ao meu amigo que me arranjasse um abrigo para repousar, sentia-me cansado.

Ele se negou, pois, com certeza, eu havia tirado uma venda dos seus olhos inocentes.

Acredito que ele olhava para o céu, porém, não percebia seus mistérios e grandeza.

Luiz me parecia alguém com sede de saber coisas novas e eu, senti necessidade de ajudá-lo.

Naquela noite, eu estava encerrando os ensinamentos.

O sono estava-me vencendo, embora soubesse que para ele, esta busca em conhecer o céu. que o acompanhava a vida inteira era uma forma de desvendar e trazê-lo para um mundo mais real.

A partir de agora o firmamento será como um véu que a cada ventania se abrirá numa nova faceta.

Morto de cansado e tentando compreender a euforia de Luiz, com os olhos insistindo em fechar, ele me cutuca com força:

- Veja lá! A lua apareceu. Ela resolveu iluminar o céu que eu não conhecia, esta noite e fora de hora.

Ouvi a voz da senhora gorda:

- Luiz, hoje o dia foi comprido. Vamos nos recolher.

- Traga o garoto com você.

Agradei a Deus por estas palavras, agora ia poder me deitar e descansar. Levantei-me da areia branquinha me batendo com as mãos para tirar a areia do corpo, pulei para me livrar da sujeira.

Por alguns instantes, pensei : Se minha mãe estivesse aqui, eu

ouviria:

- Olha o banho! Direto para o banheiro.

Dormi profundamente. Assim imaginava.

Fim

VII

Uma voz baixinha ao meu ouvido.

- Zeca, olha que clarão lá no terraço, parece ter alguém procurando algo, veja a lanterna de cor verde.

Sonolento, o garoto retruca:

-Por favor, vamos dormir, estou morto.

- Você duvida! Dá uma olhadinha pela janela.

Nem me mexi, somente olhei pelo canto do olho.

Pulei da rede, sem acreditar que aquele povo não tinha noite e nem dia.

O clarão estava dentro do quarto. Luiz caiu na cama, e eu imóvel, ouvi outra vez a voz, porém não era do amigo, que deveria ter morrido de pavor. Até meus pensamentos estavam atrapalhados, pois a luz ofuscante não dava chance nenhuma para formar uma ideia.

Em dado momento, a luz se afastou um pouco, aí pude ver o que se passava naquele ambiente.

Pairando sobre a areia branquinha um objeto não identificado, brilhando e piscando muitas luzes e de forma oval, percebi uma portinha aberta, dela saiu um ser pequenino.

Todo vestido de verde, o homenzinho caminhou em rumo a janela, com dificuldade colocou a cabeça, olhou firmemente com os olhos esbugalhados em minha direção, e de súbito, corri para onde estava. Luiz e exclamei:

- O que é isso?

- De onde surgiu esta criaturinha estranha?

Luiz mais assustado do que eu:

- Sei lá. -Será que não é seu amigo das estrelas?

Vou falar com ele para me certificar de onde ele vem, porém antes de colocar meu plano em prática ele tentou nos falar:

- Olá! Parecem assustados. Não tenham medo, eu venho onde me

chamam e vi vocês tão curiosos.

Resolvi visitá-los.

Luiz meio atrapalhado:

- Não chamei ninguém, estávamos conversando com os astros.

- Você chamou, Zeca? Indagou Luiz.

-Eu!

- Não.

E aproveitando este início de conversa, eu resolvi tomar a frente do diálogo, afinal quem entendia de astros era eu.

- Diga meu amigo, o que procura?

O homenzinho levantou os olhos horríveis e disse:

Ah! Ando em um disco voador, aquelas luzes piscando é dele, ao passarmos por esta região, vi que estavam desenhando coisas muito parecidas com as que conheço, pois sou do céu. Vocês desenharam a minha casa, reconheci de longe.

Juntos, sem acreditar:

- Sua casa!

É eu moro no planeta vermelho.

Há muitos anos visitamos a Terra, mas ninguém acredita. Todos nos chamam de Extraterrestre, já estamos acostumados, vocês Terráqueos têm medo de nós e estudam onosso comportamento.

Somos do bem, já levamos muita gente conosco, mas não se adaptaram aos nossos costumes.

Agora que vocês mostraram curiosidade, eu pergunto:

- Não querem ir comigo passear um pouco?

- Chegar bem perto da lua?

Eu me manifestei já tranquilo depois das explicações:

- Não quero.

-E você, Luiz, não gostaria de ir, quem sabe não ficava mais conhecedor e nem precisava mais incomodar meu sono.

Luiz assustado:

- Eu! Estou bem conhecendo só um pouquinho das coisas do céu.

- Olhe, seu cria... não, desculpe.

- Seu homenzinho, o Zeca é muito estudioso, louco pelas coisas dos astros e ele também é um menino do outro mundo.

- Pense, seria a companhia ideal, o Senhor não teria mais trabalho de ensinar- lo, ele já é quase professor dessas coisas aí que o senhor fala.

-Amigo da onça! Era só o que faltava depois de tudo que fiz para lhe ajudar, ainda me deparo com uma falsidade dessas. Fala Zeca com ar de decepção.

-Pois é, Luiz e este seu lugar tão previsível vai me matar do coração. Zeca, zangado, se dirige ao homenzinho sem medo:

- Olhe, vá por esta estradinha de pedras lá o Senhor vai encontrar outras pessoas, quem sabe não as convida?

- Agora me dê licença pra dormir, tive um dia imprevisível, num lugar previsível. Pulei na rede e deixei os dois lá teimando.

Fui tomado por um profundo sono de cansado.

Logo cedo, esperei que minha mãe me chamasse como de costume e nada. Continuei de olhos fechados, buscando na memória o corrido na madrugada e lembrava levemente.

Ouvi um bem- te vi- na janela, ele mesmo chamava seu nome, pensei:

- Pobre pássaro tem que acordar sozinho e sua solidão o faz gritar seu próprio nome.

Ele insistia:

- Bem- te- vi! Bem- te- vi...

Continuei perdido na ilusão de que iria ouvir minha mãe dizer:

- Quer perder a hora de escola, Zeca?

E nada.

Aguardei Marina gritar.

- Levanta coisinha lenta.

- É uma lesma!

Ninguém me chamou. Só a insistência do pássaro.

Resolvi abrir os olhos e reconheci que não estava em minha casa, pois não temos telhas avermelhadas e falei:

- Ei! Amigo, acorda, já é tarde, até os passarinhos que não tem nada pra fazer já saíram dos ninhos e haja a cantar.

Olhei pra cama de Luiz, estava vazia e bem arrumada, lembrei da visita do homenzinho verde.

Imaginei:

- O garoto foi levado no disco e a culpa é minha por não ter permanecido acordado.

-E agora?

- Meu Deus! Traga o meu amigo de volta!

E já chorando, me levantei, de súbito, já preparando uma boa explicação para dar a Senhora gorda e o homem magro.

- O que vou dizer?

O homenzinho deixou claro que é desacreditado.

- O que fazer?

Adentrei no corredor da casinha, em pânico, fui logo abordado pelo homem magro, que

voltou-se para mim bem sério e interrogou:

Nesta hora levitei.

- Que noite comprida, meu rapaz.

Respondi com os olhos dançando nas caixinhas:

- Dormi muito, estava cansado.

Esprei que ele me perguntasse pelo filho. E nada,

A cada minuto, parecia um século e o Luiz não aparecia.

O homem magro me ofereceu leitinho quente das tetas da malhada, agradei.

Desceu pela garganta que parecia está engolindo pedra.

Saí pela porta da cozinha, nada de Luiz. Resolvi falar:

- O senhor sabe...

Nem terminei a frase, avistei a senhora gorda com um amontoado de roupa na cabeça e Luiz arrastando o burro pela estrada de pedras.

Aliviei o coração, porém não escapei da pergunta do homem magro:

- O que você tinha pra me perguntar?

- Nada, não, senhor.

- Queria saber onde eles estavam.

E aponte para estrada com o dedo indicador.

Continuou o homem:

- Acordamos cedinho, hoje é dia de lavar a roupa da casa e como a senhora está com medo do jacaré, foi para um corrente de água limpa que fica longe daqui.

- Luiz quis lhe chamar, porém desistiu, disse que vocês tiveram uma noite cheia de emoções.

Sussurrei:

- Que emoções, espero está sonhando com tudo isso.

Chegaram, tomaram água do pote e Luiz dirigiu-se a mim:

Pensei até que ia falar sobre o episódio da madrugada, porém desconfio que ele não recordou de nada.

- Dormiu muito?

- Parecia uma pedra, por isso não lhe chamei.

A senhora gorda, mexe no botijão do leite, balança e percebe que tem pouco.

Dirigiu-se a mim com o bule na mão.

- Tome! Vá fazer a ordenha.

Pensei:

- Ordenha! Quem é a ordenha? Porém de todo modo tomei o bule de sua mão e fiquei sem saber para onde ir.

- Vamos, garoto, a malhada está no curral.

Caminhei com o bule balançando na mão, cheguei, olhei para a vaquinha e perguntei:

- Vaquinha, me diga o que é ordenha!

E a vaca mungia, nem sequer me enxergava.

Por instante lembrei-me do quadro e não havia impresso na memória nenhum curral, todavia ia tentar realizar a tarefa imposta a mim, só não sabia como.

Sem esperar, Luiz aparece de mansinho. Quem sabe para me socorrer daquela aflição.

- E aí, vaqueiro? Falou o amigo.

Com olhar aflito supliquei:

-Ajude-me, por favor.

- Vou ajudar você, hoje vai aprender coisas do campo, sou grato por me ajudar com as estrelas.

Lembrei-me de perguntar: Luiz recebemos uma visita do outro mundo ou sonhei?

O menino simplesmente olhou para mim e disse com ar de riso:

- Arranjei um amigo que sonha demais.

Percebi que era mais um dos meus sonhos incríveis.

Ele me apressou:

- Vamos fazer a ordenha?

Aliviado gritei: - vamos é agora.

Luiz começou a coordenar as instruções:

-Pegue aquele banquinho que está ali encostado na porta do curral.

-Não se esqueça da cordinha para amarrar nas canelas da malhada.

Perguntei: - para quê?

- O bom vaqueiro não faz perguntas, anda ligeiro.

Luiz dono da situação pediu que Zeca amarrasse as canelas da vaca.

Não, ela vai me chutar, vou cair bem longe.

- Que nada, medroso, chegue de mansinho, passe a mão no lombo dela, a malhada é uma vaquinha sabida, dócil e amiga.

Zeca tentou:

- Valeu! De primeira acertou.

Luiz aplaudiu o amigo e o resto foi fácil com ajuda .Encheram o bule de leite e seguiram para a casinha pela estrada de pedras, cuja chaminé já ia com a fumaça pelas alturas.

A senhora gorda com panelas no fogo e o homem magro fazendo o machado gritar na mata, tirando lenha para alimentar mais ainda o fogo.

O pai de Luiz chegou junto com a gente e sentou-se à mesa com alegria:

-Ora, vejam, o bule cheio de leite.

- Quem diria!

- A ocasião faz o ladrão, de fraqueza este menino não morre mais.

E foi momento de muita alegria na cozinha.

Passei horas pensando assim:

- A vida é muito divertida, ontem dei aula de estrelas, com certeza

Luiz jamais esquecerá, hoje tive aulas de ordenha também não vou

esquecer.

À medida que estamos ensinando, também aprendemos.

Zeca esboçou ar de felicidade e todos ficaram curiosos para saber a razão.

Desconversou e convidou o amigo para sair. A mãe de Luiz interferiu:

- Sente e tome mais café com rosca de goma, que acabei de tirar do forno, ainda está quentinha, aproveite.

Perguntei curioso:

- Como conseguem alimento aqui?

-Não vi nenhum mercadinho.

A resposta veio rápida:

- Ora, ora, bom menino, tudo aqui é produzido por nós. Disse a mãe de Luiz.

Continuei:

-E dinheiro. Como ganham?

A senhora respondeu:

-Não. Estamos aqui desde sempre. Estamos vivos e isso nos basta.

- Nada nos falta.

Fim

VIII

Luiz percebeu que eu estava muito calado e pensativo, talvez sentindo falta do que já havia dito.

“falta não sei de quê.”

Já fora da casa, saímos juntos pela estrada de pedras, mas nem pensar em passar perto do riacho, só de lembrar do feiticheiro, dava vontade de correr, parecia perder o comando das pernas.

Puxou um fio de conversa comigo:

- Sabe aonde estamos indo?

Respondi com certa frieza:

- Não faço a menor ideia.

- Mesmo assim vou acreditar que será um bom lugar.

- Desculpe, sempre esqueço que aqui é tudo muito previsível.

- Então, com certeza, vamos fazer tudo o que fizemos ontem, tirando somente o episódio do jacaré. Concorda?

Luiz sorrindo:

- Acho que calculei mal esta história de previsível.

Zeca um pouco depressivo;

- Acredito que sim, a menos que hoje apareça um novo jacaré encantado.

Luiz sentiu frieza nas palavras do menino do outro mundo e tentou consolá-lo;

- Você pode ficar bem tranquilo, hoje vamos ao pomar colher lindos e maduros frutos, mamãe vai fazer doce em compotas.

De longe avistou as árvores tão verdes e enfeitadas de frutos que podem ser comparadas com lindas árvores de natal. Frutos vermelhos, amarelos e lilás. Antecipou-se em chegar mais rápido para saborear aquelas delicias naturais.

De olhos fixos no colorido. Exclamou:

- Muito mais belos de perto!

Colocamos o cesto no chão.

Subimos na mangueira, fizemos dela nosso abrigo aéreo.

Ficamos horas a fio pulando de galho em galho.

Os pássaros espantaram-se com a nossa presença, para eles éramos intrusos.

Olhei para o chão.

Via-os pipilarem angustiados em busca de alimento para levar aos seus ninhos. Fizemos de contas que não compreendíamos a pressa deles e continuamos com bravura fazendo dos galhos gangorras e altos balanços.

Percebi que o sol estava muito inibido, pois o pomar tinha uma sombra espetacular, acredito que por conta do dia anterior ter sido muito intenso, ele tenha tirado hoje para descansar de tantas peripécias que aprontamos.

As nuvens escuras vagavam com dificuldade, concluí que elas estavam muito pesadas, cheias d'água. Chamei Luiz por um instante, ele estava se deliciando com uma linda manga rosa.

- Veja, o céu está muito escuro, já não sei mais se é dia, ou a noite chegou cedo demais.

Luiz falou com a sabedoria de quem conhece o lugar onde mora:

- Não é nada disso.

- É muita chuva que não tarda a chegar.

- Vamos embora, o riacho vai encher e tudo que é terra fica cheio, não vamos poder passar.

Contemplei o riacho de cima e vi o quanto era linda aquela vista que contrastava o verde e o azul do espelho d'água numa visão panorâmica e o céu caminhando em transformação de cores, de azul em cinza.

Quando fizemos os primeiros movimentos para descer, eis que a chuva não esperou, as nuvens não suportaram tamanho peso da água e começaram a vazar em bicas incríveis. E choveu torrencialmente e não tivemos mais tempo para descer da árvore, a água caía em tubos de tão forte.

De repente tive a impressão de ver o céu se partir ao meio ali mesmo, na minha frente, pois, os raios iluminavam aquele pequeno espaço, os trovões vinham com tanta força que parecia que a árvore ia ser arrancada pela raiz.

Tentamos nos proteger na copa da mangueira e conosco os pássaros que outrora pipilavam no solo nos faziam companhia dividindo o mesmo cantinho.

Por uma brecha da copa da árvore quase fechada, contemplava uma fileira de formigas em busca do formigueiro, embora muito espertas e trabalhadoras, não previram tamanha catástrofe e agora tinham deixado para trás o alimento colhido para alimentação da colônia por todo inverno.

Quanta rapidez destes pequenos seres que na luta pela sobrevivência atropelavam umas as outras. A chuva caía tão forte e nós permanecemos ali na árvore encorujados e morrendo de frio.

A comunicação entre nós dois ficou quase impossível, nossos lábios travaram. Luiz, coitadinho, com dificuldade conseguiu balbuciar:

- A. a... minha mãe deve está preocupada com a nossa ausência, acho que anoiteceu.

- Meu pai, com certeza, está entrando e saindo sem parar de tanta ansiedade.

- Você faz ideia de que horas são?

Respondi baixinho:

- Não. Acho que anoiteceu, hoje não tem estrelas e nem lua.

Zeca, como faremos para nos comunicar? Pergunta Luiz: Eu só estava escutando sem vontade de falar, não sabia mais o que dizer, já não pensava coisa com coisa.

Estávamos em uma altura privilegiada, do alto poderíamos ver toda a região. Lancei meus olhos sobre o riacho, a chuva sobre ele caía pesada em quilos.

Sussurrei para Luiz:

- Você consegue vê o riacho?
- Vou tentar, o tronco está muito liso, tenho medo de escorregar.

Luiz deu uma olhadinha e exclamou:

- Deus do céu! Está fazendo ondas.
- Com a chuva, o jacaré vai embora, acho que ele gosta de pouca

água.

Zeca retruca;

- Tomara que sim.

Perdemos a noção do tempo, não sabíamos o quanto estávamos ilhados na copa da árvore.

Pelo cansaço e dormência no corpo, já passou do limite, a chuva não dá trégua e o vento que a trazia provocava um maneio na árvore.

- Luiz. Chamei com urgência.
- Olha em direção a tua casa, parece que tem uma estrela saindo pela

janela do nascente;

O garoto se espantou:

- Nossa Senhora! Mamãe acendeu o menorá.

Zeca sem conter a curiosidade:

- Menorá. O que é isto?
- Morde a gente? Na terra do previsível tudo é possível.

Luiz retaliou, imediatamente, estava só esperando a oportunidade:

- Não. Assim como as estrelas e os planetas não têm dedos e não são gente, assim também é o menorá, ele é uma coisa, mamãe só usa em caso de emergência.

- Se aqueça me falando mais do menorá.

- Ah! É um candelabro sagrado de sete braços e cada um com uma vela.

Zeca, você com este olhar de gavião, tente ver alguém em minha casa.

O menino do outro mundo diminuiu os olhos com o intuito de enxergar melhor, tentativa infeliz, fez tanta força nos olhos na busca de capturar qualquer sinal, mas nela via e nada.

-Lamento! Não estou conseguindo. A noite chegou pra valer! Zeca fala com tristeza.

Luiz com ar de desânimo:

- É. Quem é louco de sair de casa com uma chuva deste tamanho?

- Você olhou para o chão, com está?

Zeca descrente faz um relato da situação por está em lugar com mais visibilidade:

- Lamento. O riacho transbordou e a água está chegando no pé da mangueira, estamos ilhados, a estrada desapareceu.

Neste momento foram tomados por um silêncio fúnebre, estarecedor.

Zeca se manifesta quebrando a pausa:

- Você imagina que horas são?

Luiz respondeu com a voz embargada:

- Pelo tamanho da minha sede, já é muito tarde.

- A hora precisa, não sei, porque eu acompanho o tempo pelo sol ou pela lua e estes, aqui não apareceram.

Zeca retruca:

- Verdade, estão descansando e aqui não virão.

O tempo passando e o desespero foi tomando conta de nós.

Não dizíamos mais nada senão esperar um milagre. Depois de um tempo, Zeca disse para Luiz:

- Acho que vamos morrer.

- Quero lhe dizer que, apesar das circunstâncias, estes foram os melhores momentos da minha vida e que tudo que vivi aqui vou levar comigo para o céu quem sabe.

-A sua amizade é presente que recebi das estrelas, quando você lembrar de mim olhe para o céu serei a estrela mais brilhante que você poder enxergar, estarei lá em cima cuidando de sua família. E quanto ao jacaré, vou prendê-lo na estrela mais distante da Terra que houver, vou fazer com que ele perca o caminho do paraíso esquecido por Deus. Em prantos e apavorado, Zeca ainda encontrou força para uma despedida.

-Guarde estes versos que vou recitar e mostre a Senhora gorda e ao homem magro.

Quando a gente vai dormir

Temos que rezar

para o medo sumir.

Quando o dia amanhecer

Agradeça ao sol

por ter coragem de nascer

Quando a chuva vier

Não se desespere

“Seja um menino de fé.”

E Luiz chorando, bem baixinho, considerou necessário que seu amigo levasse para a outra vida uma recordação sua.

Zeca, você está me ouvindo? A voz soluçando:

ficou corajosamente dependurado.

E Luiz continua sua súplica:

- Senhor, envia um anjo, daquele bem anjo, com asas de penas e tudo!

Zeca parecia debochar do desespero do amigo:

- Luiz, quem sabe a chuva não passa? A menos que seja um dilúvio.

Luiz aflito:

- E o que é dilúvio? É feitiço de chuva?

Nada disso. Diz Zeca:

-O dilúvio foi uma chuva bem grande que Deus mandou para acabar o mundo e lavar os pecados da terra. Foram somente quarenta dias e quarenta noites.

Luiz interfere:

- Meu Deus, foi uma vida inteirinha.

Zeca continua:

- Deus chamou um homem velhinho chamado Noé e disse que ele construísse uma barca enorme e durante a construção, ele fosse convidando as pessoas para ajudar porque o mundo ia se acabar, todavia, ninguém acreditou, chamavam-no de velho louco e ele continuou fazendo, até que um dia, Deus disse a ele:

- Noé, junta toda tua família e um casal de animais de espécies diferentes, para entrar na barca e fecha a porta por dentro que eu mandarei um anjo para fechar por fora.

- É, Luiz, não deu outra, foi muita chuva e todo mundo correu para se socorrer, mas a porta estava trancada.

E Luiz ouvindo foi acalmando o ânimo:

- Então vamos nos salvar, porque nós acreditamos.

Zeca descrente:

- Pode ser com esse choro todo. Quem sabe?

Luiz pensou:

- Já pensou se Deus disse isso pra minha mãe e ela não teve tempo de me avisar?

- Meu Deus! Envia um anjo!

Resolvemos fazer um acordo, depois de conversa vai e conversa vem, já mais confiantes, que iríamos fiscalizar o sono um do outro. Quando um estivesse cochilando, o outro daria um susto e assim passaríamos o tempo que pudéssemos. E assim fizemos.

Dormi encostado no tronco da árvore, quando Luiz percebeu o meu silêncio gritou:

- O jacaré!

De repente, desencostei e olhei para um lado e para outro, Luiz havia trocado as lágrimas pelo sorriso, já era um bom sinal. E a chuva continuava forte, trovões, relâmpagos e muita água caindo sobre a terra.

O interessante é que no primeiro momento foi desespero, dor e lágrimas, mas com o correr do tempo todos o desespero foi acomodado dentro de nós e passamos a conviver com menos medo.

Chegou à hora do sono de Luiz, ele se recostou procurando segurança no tronco e até fez um travesseirinho com as folhas. Luiz dormia como se estivesse em casa, surgiu, de repente, um clarão, vindo do riacho.

Cheguei a comparar com uma tocha de fogo, mas não era avermelhada, era brilhante como uma estrela, até pensei que fosse cadente, mas estava se aproximando demais da mangueira, nosso abrigo.

Quando percebi tanta proximidade, tive medo, pensei que fosse mais uma invenção do lugar previsível. Arranquei uma manquita verde e joguei em Luiz que, de súbito, abriu seus grandes olhos

negros e começou a surtar:

- Meu Deus vou morrer agora!
- Zeca, o mundo está se acabando, o dilúvio!
- Onde está Noé?
- Quero ir na barca!
- Que luz é esta?

Zeca que também não estava muito calmo pediu:

- Calma, é um clarão, acho parecido com uma estrela cadente, mas está muito perto de nós.

- Nada podemos fazer, somente esperar.

Zeca teve uma ideia:

- Vamos fingir que estamos dormindo, seja o que for vai ter que se manifestar, é bom nem respirar.

O clarão chegou bem perto e ouviu-se uma voz forte:

- Vamos! Acordem. É hora de partir!

Falamos em coro:

- Partir! Para onde vai nos levar?
- Quem é você?

A luz afastou-se e percebemos as lindas asas cheias de penas e plumas em tom claro e brilhante.

- Sou quem você chamou, Luiz e quanto a você Zeca, lamento dizer: - não vai morrer agora.

- Fale-nos quem é você? Com cara de menino e penas de passarinho?

Respondeu reclamando do frio e das penas molhadas:

- Sou um anjo. Às suas ordens.

Luiz demonstrando muita alegria:

- De verdade?

A resposta veio num belo sobrevoo ao redor da frondosa mangueira.

E todos riram muito.

- Vão comigo ou desistiram e preferem ficar por aqui mesmo?

O visitante alado ainda diz:

- Vim do céu. De tanto ouvirem o choro de Luiz, mandaram-me em missão.

-E a missão é tirá-lo daqui e agora.

E o anjo abriu as longas asas e colocou cada um debaixo delas e perguntou:

- Malas prontas?

Luiz disse:

-Agora mesmo.

O anjo respondeu:

- Só se for já.

Todos prontos?

- sim: gritamos com alívio.

O anjo fez força nos pés e alçou o voo mais inacreditável do mundo.

Na viagem pelo céu, sentíamos que a velocidade era muito alta, mas nada de medo, sobrevoamos toda a região e Luiz, com alegria, mostrava tudo que lá continha:

- Olha lá minha casa, o riacho. Gente, virou mar.

Deve está cheinho de peixe. E se empolgava:

- Não tem mais a estrada, mas ainda bem que minha casa está segura no lugar.

O anjo sugeriu:

- Não querem aproveitar, já que a chuva diminuiu, passear pelas nuvens?

Luiz eufórico:

- Vamos sim. Vamos chegar pertinho das estrelas.

O anjo parecia não ter pressa, fazia as mais incríveis acrobacias no céu, fazia das nuvens verdadeiras estradas no céu.

Zeca perguntou para Luiz:

- Não está na hora de voltarmos?

- Você não está com saudade da sua mãe?

- Olha lá! O menorá continua aceso, Luiz, a Senhora Gorda ainda está agoniada.

O anjo percebeu a preocupação de Zeca e ponderou:

- Vocês devem está cansados, foram muitos dias longe de casa, devem está com saudade e precisam se alimentar e vestir roupas quentes.

Luiz se espanta:

- Muitos dias? Foi o dilúvio então?

O anjo sorrindo:

- Claro que não.

Depois de horas de revoadas no céu nas asas do anjo recebem o aviso angelical:

- Preparem-se para aterrissagem.

- Senhores passageiros, apertem o cinto de segurança.

E, de repente, o anjo começou a taxiar e perder velocidade e em questão de segundos estávamos na areia branquinha da casa de Luiz.

Fim

IX

Luiz correu em busca da porta de entrada gritando:

- Mamãe, mamãe, cheguei!

- Venha aqui, quero lhe apresentar o anjo de asas de passarinho!

Enquanto isso, Zeca lá fora fazia os agradecimentos e conversava sobre a viagem ao céu:

- Sabe, da próxima vez, eu quero ir até o céu, de verdade, quero ver Jesus e a manjedoura.

- Quero ver outros anjos, lá deve ter aos montes.

O anjo demonstrando pressa:

- Quando precisar, é só chamar.

Zeca se vira para chamar Luiz para a despedida:

Luiz! O anjo já vai!

- Senhor Magro!

- Senhora Gorda!

E nesta empolgação nem percebeu que o anjo levantou as asas e partiu.

Luiz saiu da casa com o pai e a mãe saltando para a despedida e para espanto de todos o anjo havia desaparecido.

Zeca espantou-se:

- Estava aqui agora mesmo. Por onde ele foi?

A senhora aliviada, pois a chuva já estava bem fina, falou:

- Vamos entrar, para se alimentar e dormir.

Na mesa ninguém se entendia, cada um tinha uma história para contar;

- Mamãe, a senhora sabia que o Zeca quase morre de medo?

- Até se despediu de mim.

- Ele chorou tanto que parecia um bebê.

Zeca interferiu:

- Ei, o chorão era você, não parava nenhum instante, precisou de

muitas histórias para lhe acalmar.

- E o anjo veio do céu por conta de tantos gritos.

A senhora Gorda não entendia nada, pois o anjo, ela não tinha visto, podia ser imaginação de menino medroso.

Mais uma vez percebi que a Senhora Gorda tinha um sentimento nobre. Ela nos abraçou com muito calor, apertava com força em nossos braços sem acreditar que depois daquela chuva, nós havíamos sobrevivido. E falou cheia de carinho;

- Cheguei a pensar que estariam afogados, ou que o jacaré tinha devorado os dois de uma só vez. Desde o momento em que a chuva começou a cair, meu coração não se aquietou, batia feito zabumba em noite de samba.

Zeca interfere cheio de gentilezas:

- Que nada, senhora, aguentamos firme, estávamos vindo de longe a luzinha da emergência. Luiz na tentativa de contar sobre seu contentamento, porém mamãe tinha urgência em verificar a integridade física de nós dois.

A impressão que eu tinha era que a senhora Gorda não havia engolido muito esta história de anjo com asa de passarinho não.

Do nada ela indagou:

- Agora digam como chegaram até aqui são e salvos?

Luiz gritou:

- Eu conto primeiro, pois quem pediu ajuda ao anjo fui eu.

E Zeca inconformado:

- Acontece que de céu eu entendo, até lhe ensinei sobre os planetas.

Luiz complementa:

- Eu pedi ajuda primeiro e o anjo me ouviu.

A boa senhora usando o espírito de justiça:

-Fale Zeca, você é visita. Merece respeito.

Zeca falou em tom solene:

- Obrigado, senhora.

E continuou:

- Avistei um clarão e desconfiei de uma bola de fogo, mas achei muito claro, parecia uma estrela. Luiz puxou a mãe pela mão e disse; mamã, e o anjo tinha cara de menino. Eu pedi que ele sobrevoasse toda a região, eu queria saber como estavam os animais e não vi o estábulo e nem o curral e nada de chiqueiro das galinhas e fiquei muito triste.

- Onde estão, mamãe?

- O cãozinho?

A senhora percebeu a insatisfação de Zeca e tomou mais uma decisão com justiça:

- Chega de anjo por hoje e as respostas virão amanhã. Hora de dormir.

Luiz acatou:

- Sim, mamãe.

Zeca se retira com tristeza:

- Boa noite, senhor!

O senhor magro e feioso dirigiu-se à mulher:

- Que história de anjo? Menino sonha demais.

- A chuva deve ter feito as crianças delirarem.

E a senhora concordando:

- Ora anjo, ora anjo, neste fim de mundo! E saiu arrastando os chinelinhos de dedo.

Depois da conversa sem entendimento, tomamos uma sopa quente e a chuva já estava dando uma trégua, fomos para o quarto descansar destes dias enfadonhos e ainda falamos da viagem nas asas do anjo, durante um

bom tempo, e finalizaram dizendo:

- E o ser alado saiu e desapareceu neste lindo céu azul com nuvens gordas de chuva.

Luiz falava descontroladamente:

- Zeca, quando amanhecer o dia, vou pegar o burro e vou procurar o anjo.

Zeca já vencido pelo sono ainda conseguiu dizer:

- Se tiver burro ainda e se tiverem baixado as águas.

E Luiz insistia:

-Você vai comigo?

Zeca permaneceu calado, Luiz olhou para a rede onde o menino estava deitado e percebeu que Zeca tremia feito vara verde.

Perguntou:

- O que você tem?

Zeca permanece em silêncio . Luiz levantou-se e tocou em Zeca e falou:

- Você está pegando fogo!

Gritou aflito pela mãe que ainda estava acordada, acomodando os animais que

sobreviveram no quintal, quando ouviu a voz de Luiz desesperada.

- Mamãe, o menino está soltando fogo pelas ventas!

Quando a Senhora tocou na testa de Zeca, apavorou-se!

- É febre!

- Seu corpo está todo vermelho e suando como chaleira.

- Nunca vi nada parecido.

-Ligeiro! Água fria e um pano limpo para as compressas.

Luiz foi às carreiras tirou a água do pote e uma toalha da gaveta, em segundos estava nos pés da Senhora.

Começaram as compressas na testa de Zeca que se mexia involuntariamente, sem parar.O pai de Luiz trouxe uma xícara com chá

frio de camomila para acalmar o menino que estava sofrendo. A mãe indaga ao filho:

-O que aconteceu para este menino ser acometido de tamanho mau?

Luiz tenta explicar:

-Muita chuva, ficamos com as roupas molhadas muito tempo.

Todos silenciam tentando entender o delírio de Zeca. O menino começou a se mexer com Veemência.

Todos correm para junto dele na tentativa de entender o que ele diz. O pai de Luiz fala com preocupação: Este menino não está acostumado com a vida no campo, por isso adoeceu.

Zeca fala sem ser compreendido:

- Mamãe, mamãe!

- Veja o quadro, entrei nele e agora não posso sair!

- Quero voltar, me tira daqui!

- Tenho saudade. Saudade, saudade!

Luiz tenta interferir, inutilmente:

- Você fala com quem?

Luiz já banhado em lágrimas.

-Quem é sua mãe?

- Que quadro é este?

São muitas informações que Luiz tenta entender e não consegue, pois seu conhecimento é limitado.

Implora ao amigo que fale com ele:

- Sou eu, Luiz, não lembra?

- Você prometeu não me esquecer.

- Sem você voltarei para o ninho e ficarei tão só.

- Olhe! Quero lhe mostrar tudo que aprendi com você.

As estrelas têm luz própria.

- O sol é uma estrela.

- Você me ouviu, Zeca?

Luiz se afasta do amigo, chorando copiosamente, pois parece entender que está perdendo o amigo.

Zeca recomeça o delírio:

- Preciso ir embora, mamãe, o anjo, vou nas asas do anjo.

- Não tem nome, é anjo com cara de menino, vou com ele, vou nas asas.

- Adeus! Senhora, seu café é cheiroso, cuide bem da Linda moça nova.

- Senhor magro, cuidado com o jacaré.

- Luiz fica na janela onde nasce o sol.

Luiz aproxima-se do corpo febril do amigo e chorando aperta a sua mão e fala em sussurro:

- Leva-me.

Zeca, embora fora de si, por conta da febre, parece não entender:

- Este mundo é seu, tão perto das estrelas, tão perto dos anjos.

Luiz soluçando:

- Não vá menino do outro mundo.

- Adeus menino das estrelas,

Zeca acalma-se por conta do chá, mas adormeceu profundamente.

Fim

X

De repente, espreguiçou-se diante do quadro, passou a mão pelo pijama, olhou para os pés calçados em meias. Olhou para a janela, o sol vinha nascendo, desbravando o dia cheio de aventuras.

Achou-se estranho, e com um sentimento de saudade, de algo inexplicável, olhou para a cozinha, atraído pelo cheiro forte do café, correu em direção ao aroma.

Exclamou:

- Mamãe!

A mãe admirada:

- O que você está vendo neste quadro que lhe deixou tão concentrado diante dele?

Zeca sorriu:

- Mamãe, estou chegando de uma longa viagem ao quadro, lá tem vida, as pessoas são gentis.

A mãe fingindo acreditar:

- Que coisa inusitada, peça licença aos amigos gentis, tome banho, vista a farda.

- É hora de escola.

Zeca confiante;

- É preciso aprender muitas coisas, a escola não ensina tudo,

- É bom saber coisas do céu, para quando eu for novamente as asas do anjo, ele se orgulhar de mim.

A mãe, sem dá importância grita:

- Marina, desocupe o banheiro, que temos aqui um garoto viajado, cansado e conversador e que precisa ir à escola.

A irmã aparece na porta da cozinha enrolada na toalha e reclama:

- Ei, Zequinha, está virando lobisomem?

- passa a noite deitando e levantando e saindo para a cozinha.

A mãe com ar de preocupação:

- É a tecnologia. O Zeca está sem freio. Ligado direto. Tem sonhos estranhos.

- Sabe o que ele me disse, Marina?

Marina pergunta:

- O quê?

- Deve ter sido algo hilário. Não?

A mãe responde;

- Ele entrou no quadro da sala, aquele que veio do Rio de Janeiro, conheceu pessoas gentis e viveu aventuras e até sobrevoou nas asas de um anjo.

Marina demonstra compreensão:

- Deixe mamãe, são sonhos, para criança da idade do Zeca tudo é possível. Ao afastar-se da cozinha, Marina passa em frente ao quadro já tão antigo e curiosamente fica parada, observando, quando Zeca entra na sala e toma um susto;

- Má! Saia daí! O quadro é encantado.

-Encantado. Entendeu?

Mamãe grita da cozinha:

- Vai ser mais uma para viajar nas asas de um anjo?

- Chega!

- Pé no chão!

- Vida real!

- Era uma vez!

Zeca aproveitou a ausência de Marina e o silêncio de mamãe e deu uma última olhada no quadro e percebeu que o menino da janela, onde o sol nasce acenou para ele. Um aceno que o fez parar. A mãozinha espalmada, onde somente os dedos se mexem.

Zeca com muita saudade piscou o olho direito para ele, num adeus que eles entendiam o tamanho da dor. Sussurrou baixinho, olhando para

os lados conferindo se não havia ninguém e:

- Adeus, amigo!

- Eu volto no próximo sonho.

Fim

XI

O tempo passou rápido demais, Marina casou com Roberto e foi morar muito longe. Dificilmente ela aparecia para nos visitar. Em nossa casa ficamos eu e mamãe, não podia deixá-la, a solidão fazia muito mal à ela.

Um dia, saí para trabalhar, na porta, ela me fez um estranho pedido:

-Meu filho, eu estou triste por que sei que vou morrer e vou lhe deixar sozinho, gostaria que você arranjasse alguém que o fizesse feliz.

Neste dia, percebi que já não era mais aquela criança que sonhava e tornava as aventuras gostosas realidades.

Tornei-me um homem sozinho, e muitas vezes, me deparei parado na frente do quadro que permanecia na sala da minha casa. Penetro o olhar, de forma tão verdadeira, que chego a misturar a minha vida, como dizia a minha mãe em minha infância:

- Temos que ter pé no chão.

- Meu pé no chão, com a vida que eu poderia ter tido no Paraíso esquecido por Deus.

Quando olho para o quadro velho que nunca saiu do lugar.

Fico me perguntando:

- Será que o Luiz ficou como eu?

- Vivendo só do sonho?

Minha mãe, aquela mulher que mantinha o comando da casa e das nossas vidas em suas mãos, depois do falecimento de meu pai, quando eu tinha apenas três meses, portanto, não cheguei a conhecê-lo. Agora, era minha filha, falava baixinho e não me dava mais ordens. E me questiono:

- Como terá ficado a senhora Gorda depois de tantos anos?

Neste momento estou diante do quadro pintado a óleo na sala da minha casa, cuja vizinhança não cansava de ter elogios a sua beleza e riqueza de detalhe, esta história você conhece. o que vai ser novidade é que diante do

quadro estou chorando a falta de minha mãe que não suportou a solidão e partiu há alguns meses em um voo espetacular nas asas de um anjo e me vejo aqui com muita inveja da vida daquelas pessoas da obra de arte que não envelhecem, não cansam e nem choram a ausência de ninguém e eles têm o privilégio de viverem eternamente.

Eu aqui barbado e cansado, na parede está Luiz, o mesmo menino que em seu olhar carrega ainda uma sede inexplicável pelo conhecimento. A tela está velha. Vou vender a casa pelo fato de ser muito antiga e vou comprar um apartamento compacto e lá não há espaço para Luiz. A Senhora Gorda e o Homem Feioso. Passo a mão pelo quadro acariciando aquela família que me ajudou mesmo que em sonho ser menino de verdade.

A campanha tocou, atendi, eram os novos moradores da casa. O homem me cumprimentou e logo puxou conversa:

-A casa é excelente, porém precisa de uma boa reforma.

E comentei:

E ela tem para mim um valor afetivo incalculável.

- Aqui nasci e convivi com minha família, embora pequena, está em mim como uma tatuagem.

Minha irmã quer vender, ela acha que aqui tem recordações que nos machucam. A mulher fez uma vistoria com o olhar exigente e dirigiu-se a mim:

- Este quadro pode jogar no lixo?

Pensei em dizer mil coisas, mas, respondi:

- Não tenho como levá-lo.

Ela disse:

- Lamento! Mas, não combina com a minha decoração.

Neste dia, me despedi com lágrimas, porém, convicto de que tudo

não passava de fantasias infantis que eu tinha alimentado por toda a minha vida. Senti vontade de falar com alguém, liguei para Marina e fomos almoçar juntos, fazia tempo que eu não via minha irmã, minha única irmã, para ela pude revelar toda minha saudade de nossa mãe, da nossa casa, tive necessidade de chorar e chorei para ela.

Ela aconselhou-me lembrar de coisas boas, quem sabe casar e formar uma família com muitos meninos, porquê nossa família será extinta por falta de voluntárias. Rimos demais desta expressão.

Disse a ela:

- Má, eu queria muito voltar a ser criança somente para passar mais tempo com você.

- Desta vez eu juro não brigaria com você.

Falei do quadro que mamãe gostava tanto e ela não me respondeu:

- Jogue no lixo, já está tão fora de moda.

Acatei insatisfeito. Não há mais lugar para armazenar meus sonhos nem minhas aventuras, Despedimo-nos calorosamente.

Ela saiu do restaurante e ainda fiquei um bom tempo olhando para aquela menina que se tornara uma mulher tão determinada e feliz.

Paguei a conta e saí caminhando em passos largos em busca de vida nova.

Fim

XII

Voltei para casa, pois ainda não havia fechado a venda.

O telefone tocou:

-Zeca?

Era a voz de Marina.

-Fiquei triste, depois que saí do almoço;

Respondi docemente:

- Não se preocupe. Está tudo bem.

Ela continuou:

- Sobre o quadro. Sei que ele significa muito para você, tive uma ideia.

- Vou ficar com ele.

- Posso guardar para você, quem sabe não arranjas depois um apartamento maior e o leva.

- O que você acha?

Falei com alegria;

- Claro, se não houver incômodo, passo aí pra lhe entregar.

Esbocei gratidão:

- É muito importante mesmo. Este quadro é o mais fiel retrato da minha infância. E Mais uma vez, nos despedimos. Marina deve ter chegado à conclusão de que nossa família se resume em nós dois, quando desliguei o telefone percebi uma frieza no quarto e, de repente, uma rosa amarela aparece sobre a mesa.

Pensei imediatamente:

- Minha mãe amava rosas amarelas.

Corri para guardar. Coloquei em um vaso com água e ela durou muitos dias, acredito que minha mãe não queria que eu me desfizesse do quadro e mandou esta rosa como sinal de sua alegria.

Beijei a rosa e fiquei feliz por minha mãe ter ido embora, porém, continua cuidando de nós.

Fui ao quadro sorrindo e disse:

- Ei, amigos, não vão se livrar de mim nunca.

Esta noite foi a mais tranquila de toda minha vida.

Fim

OS MISTÉRIOS DA BOLSA DA MAMÃE

Sobre a mesa da cozinha, aquela mesa comprida de quatro pernas, seis cadeiras envelhecidas, uma toalha longa e muito colorida, havia uma garrafa térmica que mamãe mantinha o café constantemente quentinho, uma bandeja de xícaras marrons e um suporte para o pão, este era o cenário cotidiano do nosso amanhecer. Tinha também um objeto misterioso, hoje sei que era a bolsa da minha mãe.

Meu pai um homem austero, trabalhador e dinâmico fazia de minha mãe administradora da casa. Incluindo as finanças e esta responsabilidade sempre lhe impedia de trabalhar fora, ela não encontrava tempo para mais nada.

Dona Clô era assim: tudo muito, muito alta, olhos muito grandes e verdes, passos muito largos, tinha muito amor e cuidado pela família, muito obediente ao meu pai e muito temente a Deus e tinha muita fé.

Nós éramos quatro crianças levadas, todo dia além da escola, tínhamos os ensinamentos de Dona Clô, eu já com dez anos, Felipe com oito anos, Angélica com sete e Davi era o bebê mais querido e lindo do mundo, por onde andávamos as pessoas só tinham olhos

para ele:

- Que lindo bebê!

Outro acolá:

- Clô, que bebê amado!

Fora os que saiam o abençoando em voz bem alta pela rua, como se Deus fosse surdo. A casa em silêncio já pronta para dormir, ouvi meu pai com voz alterada:

- Clô, traga-me o recibo do pagamento da água, a companhia me ligou dizendo que no sistema deles a nossa água está em atraso.

Mamãe com certeza olhou para ele com suas esmeraldas grandes e brilhantes:

- o que?

- Está duvidando de mim?

Meu pai:

- Jamais, apenas quero levar até a Companhia da água para tirar a dúvida. Ouvi os chinelos de minha mãe em passos largos e ferozes. Saí do quarto e coloquei a cabeça no canto da escada onde eu podia avistar a cozinha. Vi mamãe freneticamente mexendo em alguma coisa profunda, onde ela retirava muita coisa que eu não podia identificar, a luz baixa não ajudava. Tirou de lá muitos abjetos e ainda pude vê um espelhinho redondo e um pente.

De repente ouvi seu grito;

- Achei! Sabia que jamais me enganaria.

E meu pai desceu as escadas com muita rapidez:

-O que houve?

-O papel está aqui.

Papai, aliviado, fez uma revelação depois de ver tanta coisa sobre a mesa.

- Meu Deus! Isto parece um caldeirão!

Ai que susto tomei! Do que estariam falando, será que é de bruxaria?

- A que caldeirão se referia?

- Será que mamãe...

- Não! Minha mãe não tinha jeito de bruxa.

Apagaram as luzes e o silêncio voltou a reinar na casa, mas na minha cabeça muitas dúvidas, meu coração palpitava tão rápido e tão alto que tive medo de acordar os pequenos. De repente, a maçaneta da porta vira e tomei mais um susto. Era a mão de minha mãe nos cobrindo e se curvando para aquele beijo de sempre. Ela sai em passos lentos.

Pensei:

- Como uma pessoa tão dedicada e amável poderia guardar um segredo tão cabeludo desse?

Amanheceu o dia descemos as escadas preparados para ir à escola, minha mãe já com a mesa pronta, mas meu olhar agoniado procurava o caldeirão que meu pai falou, sem encontrar, saí preocupado e pensei:

-Quando eu voltar investigarei por toda a casa, ninguém esconde uma coisa assim por muito tempo.

Outro pensamento invade as minhas ideias:

- Invisível!

-É invisível!

Continuei pensando no caminho:

-Deve haver uma senha para desvendar o mistério do caldeirão.

-Mas qual?

- Como descobrir?

Resolvi então ficar mais atento às atitudes de papai e mamãe. Na aula fiquei desatento. Dona Dinda chamou-me atenção várias vezes e finalmente dirigiu-se a mim com autoridade:

- Gustavo ,o que está acontecendo?

-Parece está no mundo da lua!

-Aterrisse!

Respondi:

- Tudo bem professora, estou um pouco indisposto.

Felipe chegou à porta da minha sala e me chamou para ir embora. Tocou a sineta e saímos juntos.

No caminho ele mostrou-me um livro que havia ganho em um sorteio.

- Olha, Gugu, ganhei este livro.

Tomei o livro e li o título:

- Ali Babá!

Pensei:

- É uma mensagem, pois Ali usava senha!

- ABRE-TE SÉSAMO!

Prossegui pensando:

- Tem uma senha para encontrar o caldeirão invisível!

Guardei o livro e entramos em casa, a escola era bem perto íamos e voltávamos caminhando. Entramos na cozinha, mamãe fazendo uma comidinha quente e cheirosa. Olhou para trás e nos viu.

- Chegaram!

- Que alegria! Papai também já chegou.

-Vamos para o banho, hoje tem manjar de goiaba que vocês adoram!

Pensei mais uma vez: A minha mãe tem um mistério e eu tenho que desvendar. Eu e Felipe guardamos a farda, tomamos banho e descemos para o almoço, papai já estava na mesa e o bebê mais querido do mundo fazendo uma grande bagunça em sua cadeirinha. Tudo que estava sobre a mesa fora colocado num cantinho, inclusive, a garrafa do café e a bolsa de minha mãe que mais parecia um bichinho de estimação dela, se alguém por acaso brinca com as grandes fivelas logo escuta:

- Solte já minha bolsa!

- Não gosto de ninguém mexendo nas minhas coisas.

Os pratos foram servidos e todos em grande animação familiar, quando o meu pai pergunta :

-Clô, onde está a chave da gaveta do cofre do escritório?

Mamãe olhou para ele com a cara de quem diz:

- Vai começar?

Ele conteve-se. Comemos a sobremesa, mas senti o desconforto de mamãe.

E ela começou:

- Olhe aqui, nunca mais quero guardar nada seu, por favor, arranje uma caixa para organizar seus pertences, todo dia é a mesma coisa.

- Cadê?

- Onde está?

- Quem viu?

- Parece brincadeira.

Papai não ficou calado:

-Minha querida, você esconde tudo que vê na frente, na caixa de PANDORA!

-Meu Deus! Exclamei!

- O que é isso!

Não era um caldeirão?

- Onde estou metido?

-Quais riscos corremos nós? Com tanto mistério?

Convidei Felipe e Angélica para subir com o pretexto de ler o livro, mas ao chegar no quarto, fiquei na porta para tentar observar alguma coisa. Saí rapidamente e procurei o dicionário para me certificar melhor desta Pandora, sei que minha mãe não tinha amiga com este nome, fazia a busca e ficava de olho e nisso, o Felipe ainda me cobrava insistentemente que lhe

contasse uma história.

De repente ouço os passos de papai subindo e falando ao mesmo tempo;

- Aquela chavezinha é importante, procure ainda hoje.
- Verifique em seus esconderijos, você que guarda tudo.

Mamãe retruca:

- Deixa de ser rabugento, não tenho esconderijos e nem caixa de Pandora, não sei nem o que é isso.

Ouvi um barulho vindo da cozinha, como se estivesse se soltado vidros e metais. E a sacudida se intensificava mais ainda, então me desesperei:

- Meu Deus, minha mãe deve estar mexendo na caixa daquela mulher do nome esquisito!

E, de relance, eu a via pegar em pilhas alcalinas, serrinhas de unhas, tesourinha, batom, toco de vela e um molho de chaves. Bruscamente ela joga tudo dentro novamente, não sei de que e fica com as chaves balançando em suas mãos. Senta na cadeira da cozinha e começa a desmembrar uma por uma do chaveiro.

E aos gritos:

- Achei!
- Achei!
- Desta vez foi mais fácil.
- Não tenho obrigação de saber de tudo.

Volta a calma, desisti do dicionário, nada encontrei sobre esta tal Pandora, contei-a. Que meus irmãos tanto queriam história para os meus irmãos. Vi meu pai sair de volta para o escritório e minha mãe entregar a chave que estava em lugar incerto e voltar para a cozinha, fazer a limpeza e preparar o lanche da tarde e, finalmente, ajudar em nossas tarefas escolares.

Fiquei, de todo modo, muito, muito estranho, observando cada passo de Dona Clô, ela desconfiou:

- Quer me dizer por que está me seguindo com o olhar?

Respondi desconfiado:

- Não há nada, mamãe.

Ela continuou:

- Só o que me faltava.

- Basta seu pai querendo que eu tome conta de tudo nesta casa.

- Sabe filhos, tem horas que me sinto pressionada, é muita cobrança, somente para uma pessoa, mãe também cansa. Tentei confortá-la cheio de reservas:

- Não ligue mamãe, a Senhora precisa confiar em nós. Quando guardar alguma coisa agora, vamos lhe ajudar, para, se, por acaso, a Senhora esquecer, vamos logo descobrir. Irritou-se com minha proposta:

- Que história é essa! Está igualzinho ao seu pai, que acha que estou ficando esquecida?

- Muito obrigado, dou conta da casa sozinha. E complementou:

- Vamos acabar com a conversa e dever de casa.

Olhava ao redor de casa, da cozinha, olhava pra despensa e não dava notícia nem de caldeirão de caixa. A noite chegou sentamos à mesa para o jantar. Contemplava aquela mulher de olhos verdes, tão bonita e ao mesmo tempo lhe faltando um sorriso no rosto para complementar a sua beleza tão singular. As mãos de minha mãe eram lindas e delicadas, as unhas bem aparadas e brilhantes, ela começava a se preparar para receber meu pai que, muitas vezes, nem observava seu capricho. Não entendia como aquela mulher preciosa poderia ter tanto mistério. O dia amanheceu diferente, era o aniversário de Dona Clô e ela anunciou a todos:

- Hoje é festa, vou trabalhar muito, mas vou celebrar o meu dia com vocês.

Olhou para papai e falou com o dedo indicador em sua direção:

- Você está proibido de pedir alguma? Para eu procurar hoje.

Papai sorriu:

- pode deixar, hoje você está 'dispensada de mexer naquela caixinha de mistério. E saiu sorrindo de sua provocação.

E eu mais um dia de terror e investigação. Agora eu tinha certeza, a caixa de Pandora estava em nossa casa e corríamos perigo.

Pensei:

-Hoje vou pedir socorro à Dona Dina, Professora deve saber de tudo nesta vida, quando eu lhe contar que em nossa casa tem bruxaria, ela vai intervir em nosso favor. Entrei às pressas, fui rapidamente à busca da professora e, na sala, procurei com o olhar, não consegui vê-la. Então, perguntei ao professor do quinto ano:

- Onde está Dona Dinda?

O professor olhou-me com cara feia:

-Bom dia para você também! Não lhe ensinaram cumprimentar as pessoas?

Baixei a cabeça:

- Perdoe-me! É que preciso ver Dona Dinda.

Retruca o professor:

- E isso lhe impede de ser educado?

Respondi em voz baixa:

- Não, senhor.

Quando tocou a sineta, esperei por ela na porta. Os alunos em algazarra:

-Graças a Deus Dona Dinda não vem!

Outro berrava:

- Vamos embora mais cedo, não teremos aula!

E os demais:

- Eeeeeeeeeeeeeeeeeêbaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!

O supervisor de disciplina entrou na sala e todo mundo ficou quieto para ouvir o que faríamos na falta de Dona Dinda: O homem de fala bem compassada disse:

- Hoje a professora Dinda não vai comparecer, está resolvendo um problema pessoal e nós vamos ter aula com a Dona Zulmira, ela já está chegando e nada de bagunça.

Pensei:

- Hoje é o dia de minha mãe e não o meu.

Voltei meu pensamento para a minha casa, tentei ficar feliz por minha mãe.

No meu sonho acordado eu via Dona Clô. Minha mãe parecia ter mil pernas e mil braços, tudo ela fazia com muita bravura.

Hoje então, que é festa, ela faria assim:

- Meninos, vamos nos levantar!

-O leite já está quentinho, o pão com manteiga derretida do jeito que todos gostam.

- Estendam a toalha no varal, Felipe, amarre o sapato!

-Gugu, tome conta do seu irmão, cuidado ao atravessar à rua.

Dirigia-se ao papai:

- Querido, esta camisa está amarrotada, tira rápido, quero passar o ferro quentinho.

E ela continuava o discurso;

- Escovem os dentes e tragam para eu ver o sorriso de cada um.

-Meu Deus, a panela de pressão!

E papai interfere:

-Já no fogo uma hora dessas!

Mamãe responde;

- Preparar os quitutes para logo mais.

Felipe eufórico:

-Tem brigadeiro ,mamãe?

Ela, com carinho, e voz doce;

- Claro, meu bem, não é festa de criança, mas virão todos os primos.

-Vamos lá acompanhe papai.

Angélica pula nos braços de papai. Papai sussurra em seu ouvido:

- Vamos comprar presente para a mamãe?

E ela responde:

- É segredo!

Ao sairmos, com certeza, ela continuou elétrica:

- Vou jogar toda a roupa na máquina e sair correndo para o mercado comprar frutas e verduras para as saladas. A vizinha grita:

-Clô ! Parabéns!

- Já vai às compras?

Mamãe, com certeza, responde caminhando em seus passos largos;

- Estou com pressa, minha família virá todinha e à noite, quero está descansada e bela. E a vizinha bondosa:

- Traga o bebê para que eu cuide e assim ficará mais folgada.

Mamãe diz agradecida:

- Obrigada!

- Volto logo, pode levar.

- À noite, te espero.

E meu sonho acaba e estou de novo querendo saber dos mistérios de mamãe.

Dona Zulmira entra tão amável;

-Bom dia!

E a sala em coro;

-Bom dia, Dona Zulmiraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Ela continua:

- Quero fazer com vocês a hora do conto.

Fabiana, a menina mais popular da sala, indaga:

- Como é esse conto?

Dona Zulmira responde:

- O conto é uma história interessante, tem um enredo curioso, poucos personagens e eles conversam muito entre si, estão sempre dialogando. Levantei a mão, anunciando que gostaria de falar.

Dona Zum logo me deu a vez:

- Vamos ouvir aqui o Gustavo.

Comecei:

- Eu sei que a Senhora sabe um montão de história, mas hoje eu queria dá uma ideia. Ela me olhando com firmeza:

- Pronto! Vamos saber qual a sua sugestão.

Continuei com olhar de pavor:

- A Senhora já ouviu falar na caixa de Pandora?

Dona Zul ficou atarantada e a sala toda em um silêncio fúnebre. Pensei:

- Meu Deus! Neste momento sei, morri 48 vezes.

Continuei pensando com muita rapidez:

- A professora vai chamar meus pais e aí sim, estou perdido, eles vão descobrir que já sei de seus segredos.

- O que vou fazer?

Neste momento eu desejei ser uma pulga pra sair pulando e desaparecer no ar. Que nada, Dona Zulmira saiu da sala, com certeza buscar reforço para retirar da aula este menino cretino, e já ouvia a segurança entrando na sala, olhando um por um e apontando o dedo para mim. De repente, despertei dos pensamentos por uma vez:

- Acorda, garoto!

- Olha aqui a ideia que você teve.

- Veja o livro.

Era a voz de dona Zulmira que adentrava em meus ouvidos. Exclamei:

- Existe mesmo a história desta tal Pandora.

Todos os olhares ficaram focados em Dona Zul que logo iniciou como se soubesse da minha angústia:

- Tenho aqui uma história curiosa para contar!

-Vamos silenciar.

- Procurem um lugarzinho confortável

-Ah! Esta historinha vocês vão adorar.

Dona Zul mostrou uma caixa toda enfeitada, acredito que para prender nossa atenção.

- Vejam! Esta caixa é o nome da história

Quanto mistério há nela. Mas não tenham medo: É a Caixa de Pandora. E assim ela começou a fascinante narrativa:

- A Caixa de Pandora é um mito grego no qual a existência da mulher e dos vários males do mundo são explicados . Tudo começa quando Zeus, o deus de todos os deuses ,uma mão se ergue pedindo para falar:

- Dona Zul, que história esquisita, Deus não é somente um que aprendemos a amar?

Dona Zul retruca: Ora, ora isso lá é verdade, é só história, é lenda. Mas vamos continuar:

- Então Zeus começou arquitetar um plano para se voltar contra a ousadia de outro deus chamado Prometeu, que entregara aos homens a capacidade de controlar o fogo. Por esta razão Zeus decide criar uma mulher cheia de atributos oferecidos pelos deuses e a, oferece a Epimeteu, irmão de Prometeu. Levantei a mão e dona Zul parou:

- Eu quero saber o que prometeu prometia aos deuses.

Todos caíram numa grande rizada:

Dona Zul pediu silêncio e explicou:

- Nada, nada prometia, Prometeu era apenas o nome de um dos deuses da Grécia.

- Vamos continuar?

E todos concordaram:

- Vamos, dona Zul!

- Está muito divertido.

Dona Zul continua:

-Antes disso Prometeu recusou a jovem Pandora de Zeus, temendo que ela fizesse parte de algum plano de vingança da divindade roubada. Ao aceitar Pandora, Epimeteu também ganhou uma caixa onde estavam escondidos vários males físicos e espirituais que poderiam acontecer no mundo.

-Desconhecedor do conteúdo foi somente alertado de que aquela caixa não poderia ser aberta de maneira nenhuma. Com isso o artefato era mantido em segurança no fundo de sua morada, cercado por duas gralhas barulhentas. A sala toda em silêncio e de olhos bem arregalados! Quebrei o silêncio e perguntei:

- Dona Zulmira, ainda falta muito?

Ela respondeu:

- Paciência é a ciência da paz, vamos continuar ou querem deixar o restante para depois? A Sala grita em coro:

- Continua, dona Zul!!!!!!!!!!!!!!!

Ela continuou a narrativa:

-Aproveitando-se de sua beleza, Pandora convenceu o marido a se livrar das gralhas que lhe causavam espanto. Após atender ao pedido da esposa, Epimeteu caiu em um sono profundo.

-Neste momento não suportando a sua própria curiosidade, Pandora abriu a caixa proibida para espiar seu conteúdo. Naquele momento, ela

acabou libertando várias doenças e sentimentos que atormentavam a existência do homem no mundo. Zeus assim concluía seu plano de vingança contra Prometeu. Fabiana, a menina de cabelos negros, olhos amendoados e dentes brilhantes que lhe permitia abrir um sorriso de causar inveja, levantou o braço:

- Dona Zul, falta muito?

Dona Zulmira delicadamente:

- Falta pouco, Fabiana.

E dirigiu-se à classe:

- Vamos concluir?

- Pois muito bem, Pandora ficou muito desesperada, pois, reconheceu o erro que cometeu, abrindo a caixa e apressou-se em fechá-la novamente, com isso ela conseguiu preservar o único dom positivo que fora depositado.

E dona Zul perguntou:

-Quem quer saber qual?

E em coro:

- Fala, fala. Fala...

E dona Zul sorria da curiosidade da meninada.

- Vocês estão bisbilhoteiros iguaizinhos a Pandora.

- Vamos continuar?

-Sabem qual era o bem precioso que ficou na caixa?

- É uma coisa que todos devemos ter e jamais devemos perder. E tem mais, na vida, ela é a última que morre.

-Quem disser vai ganhar um doce.

E Fabiana responde com muita alegria:

- ESPERANÇA!!!!!!!!!!!!!!

Dona Zul empolgada:

- Muito bem!!!!!!!!!!!!!!

Dona Zulmira continuou: A caixa de Pandora e seus segredos servem para que o homem seja perseverante, mesmo quando as situações se mostrem difíceis de resolver.

- Pronto! Agora, Gustavo, você já conhece os segredos da caixa de Pandora.

A sineta tocou indicando fim da aula. É hora de voltar para casa. Tomei meus irmãos pela mão e saímos caminhando na calçada. Quando entramos pelo portão, já percebemos a casa toda limpinha e um jarro de flores na porta.

Angélica gritou:

- Mamãe, que casa linda!

Dona Clô estava, como sempre, na cozinha e pelo cheirinho era comida gostosa e ela não poupou advertências:

- Não tirem nada do lugar, guardem suas roupas e material escolar no lugar de sempre.

- Tomem banho e venham almoçar.

Já na mesa, papai entra com uma grande caixa enrolada em papel de presentes e foi logo prevenindo:

- O presente da mamãe só será entregue à noite na presença de todos, mas já podemos tentar adivinhar do que se trata. Imaginei uma caixa de segredos, mais uma vez eu não vou aguentar. Papai continuou a brincadeira:

-Dentro deste presente cabe o mundo das miudezas.

- E ainda cabe maquiagens, notas de compras, cabe várias chupetas do bebê aquelas mais antigas que o tempo já desgastou, assim como velhas fotografias.

Perguntei:

- Papai, pode caber sentimentos e coisas do mal?

Mamãe interfere:

- Que pergunta, Gustavo!

Retruquei:

- Mamãe, desculpe, papai disse que cabe o mundo, então, o mundo tem coisas boas e ruins. Papai me socorre:

- Meu filho, quando eu digo que cabe o mundo, é força de expressão, à noite desvendaremos todos os segredos desta caixa. E papai sobe as escadas dando uma de suas imperdíveis risadas.

Fiquei ainda mais intrigado, pois, nesta noite mamãe será desmascarada diante de todo mundo. Na minha imaginação papai estava se comportando como Zeus que queria vingança e logo chega com esta caixa:

- Pobre mamãe, sua festa será sua maior decepção, devo preveni-la, mas ela não vai acreditar em mim. Anoiteceu, os convidados eram nossos vizinhos e pessoas de família, iam chegando e entregando seus presentes, a alegria de minha mãe não tinha preço. Agradecia beijando cada pessoa:

- Obrigada, não precisava se preocupar, o importante é a presença. Minha avó trouxe para minha mãe um lindo aparelho de jantar. Mamãe abraçou a vovó e disse:

- Só a senhora pra descobrir meus desejos e meus segredos.

Quando ouvi isto fiquei aterrorizado:

- Vovó também sabe de tudo! É uma quadrilha.

As crianças brincavam e corriam pelo jardim, minhas tias conversavam animadas, meu pai e meus tios tomavam drinques e as vizinhas serviam os doces e salgados. Eu num canto observando o que estava para acontecer na festa, que mamãe preparou para o seu aniversário, já não tinha mais dúvidas, caldeirão de bruxa não era, e, sim, uma caixa onde mamãe mantinha seus segredos.

Vi quando meu pai olhou no seu relógio de pulso e disse :

- Atenção! amigos e família! Venham todos para a mesa, vamos agora saborear esta torta de morando que a Clô fez com tanto capricho em volta

dela, cantaremos os parabéns em seguida o jantar.

Mamãe mostrou-se feliz com a iniciativa do meu pai, pois todas as festas ela sempre tomava a frente de tudo e hoje ele foi muito amoroso.

Pensei:

- A que hora será a grande revelação?

Eu não estou vendo o presente. Terminado os parabéns, papai disse:

- Senhores, quero apenas mais um minuto da atenção de vocês.

Pedi que mamãe chegasse para perto dele e continuou:

- Minha querida, vou lhe entregar agora o seu presente, é uma coisa que você precisa muito e que nela mantém parte da sua vida, muitas vezes na brincadeira que coloquei vários apelidos. Neste objeto que você tanto presa e mantém sempre ao alcance de seus olhos, é algo que cabe tudo, parece ter mistérios dentro, que você não quer revelar, mas poucos nós vamos descobrindo, já disse que você possui um caldeirão profundo, também já comparei este objeto de caixa de Pandora, você se irritou, porém tudo é uma maneira de lhe dizer que sou muito feliz pela dona de casa organizada que você é, e que lhe peço tudo porque você tem uma grande capacidade de organização, e como este objeto já está muito desgastado de tanto ser usado, resolvi lhe presentear com outro muito mais bonito e novo. Eu já não entendia mais nada.

-Quer dizer que tudo não passava de uma piada?

- E o meu desespero em descobrir os mistérios de minha mãe?

-Meu Deus, aonde meu pai quer chegar?

Com voz carinhosa chamou Angélica:

- Vá à cozinha e traga de lá o objeto proibido que está em cima da mesa.

Fiquei ligado e tenso.

Quando minha irmã apareceu na porta da sala, com a bolsa de minha mãe.

Gritei:

- Que horror! A bolsa de minha mãe!

- Isso mesmo, tudo que meu pai precisava estava nela.

Continuei avaliando:

- Ah! No dia em que faltou energia havia um toco de vela e uma caixa de fósforos, para cortar nossas unhas era dela que saía a tesourinha e no dia do vinho, que ninguém sabia onde havia sido perdida a rolha, depois de muito tempo, mamãe disse que não sabia como isso tinha ido parar em sua bolsa.

Papai fez a entrega do presente, uma linda e grande bolsa a tiracolo com vários zíperes e uns bolsinhos menores. Dona Clô abraçou papai como nunca eu tinha visto antes. Ela pegou a bolsa velha e disse:

-Agora vou lhe dá um descanso.

Todos caíram numa maravilhosa risada. Eu, aliviado me sentindo um perfeito idiota. Que de esperto não tinha nada. Meus pais são bem mais espertos do que eu, conseguiram me enganar de verdade. Os convidados foram saindo até que ficamos sozinhos. Papai pediu que mamãe contratasse uma diarista para a faxina da casa. Para que ela não se cansasse tanto, pois o dia fora muito puxado.

Com seu jeitinho, nos conduziu para o quarto e nos colocou na cama, nos cobriu com cobertores quentinhos. Neste dia eu percebi que meus pais se amavam muito e que tudo o que ouvíamos não passava de coisas de casal. Passei horas deitado e pensando nas minhas dúvidas de menino. Ouvi um barulho na cozinha e me levantei apressadamente. Comecei a ouvir os mesmos sons de quando meu pai dizia que minha mãe parecia ter um caldeirão. Pensei:

- Não deve ser nada importante, apenas a minha mãe trocando seus tesouros para a bolsa nova.

De repente os passos dos chinelos em direção ao quarto do casal.

E as luzes foram desligadas.

E amanhã será um novo dia.

Fim

PESADELO

Acordei cedo.

Saí rumo ao trabalho.

Morava na periferia.

A escola era no centro da cidade.

Já um pouco atrasada para tomar uma condução.

Os transportes, pela manhã, estavam sempre muito lotados.

Não há outro jeito, esperar até dar certo e chegar de qualquer modo.

Olhei a fila na parada e não visualizei o final dela.

Isso me causou desconforto, quase desespero.

De repente, um carro parou lá à frente e buzinou.

Não consegui reconhecer nem a marca nem quem o conduzia, mas corri em busca desta tábua de salvação. A porta se abriu, no interior do veículo, duas mulheres, uma no volante e a outra no banco traseiro.

Ocupei o banco do carona, eu nem mesmo sei porquê, porém deixei as coisas acontecerem. Não houve cumprimentos e nos mantivemos sem qualquer palavra. O carro saiu e com ele uma grande aventura. A motorista, de olho na via, foi dando velocidade ao carro. Tudo a nossa frente passou a ser

pura ilusão.

Os prédios assemelhavam-se aos raios de tão velozes que passavam por nós. As pessoas eram somente vultos. Nada mais era colorido, não dava tempo identificar as cores. Vi velocidade maior ou igual aquela, somente na fórmula um. Foi uma longa viagem, parecia que as estradas eram infinitas. Nada se ouvia, nada se falava e nada se sentia. Quando o normal para aquela aventura seria haver uma sensação de medo e pavor.

Com o passar do tempo, sem calcular nada, comecei aos poucos a reconhecer e me aclimatar ao ambiente, sentia que já havia passado por aquele lugar. Numa fração de segundos aconteceu um despertar para a realidade. Perdida em meus pensamentos, sussurrei:

- A Praça da Bandeira!

Olhei a moça do volante pedi que ela parasse ali mesmo na Faculdade de Direito. Ela aproveitou o sinal, a porta se abriu. Desci. Lembro que agradeci e continuei sem nenhuma resposta. Parada ao lado do carro, agradeci mais uma vêz. E o carro deu partida e, gritei:

- Muito obrigada!!!!

Ainda posso ouvir o meu brado de gratidão ao vento! Neste intervalo, saí andando e olhando para trás, já não conseguia mais ver o carro. Inesperadamente colidi com um prédio na esquina da Rua Domingos Olímpio com a General Sampaio.

Não me recordo se antes este edifício existia naquele lugar. Olhei pra cima, com espanto, e pude fazer a conjetura. Exclamei:

- Aqui deve ter uns cinquenta andares.

Eu, aquela altura dos acontecimentos, e com o trânsito sem dá trégua, resolvi enfrentar mais este desafio. A escada ficava ao lado. Toda trabalhada em mármore, era uma linda e longa escada. Recordo-me, bem, que o edifício a que me refiro, fazia correspondência com os fundos da escola em que eu

trabalhava.

Comecei a escalada sem tomar fôlego. Degraui por degrau, ainda ouço ,com muita nitidez, o som do meu sapato a cada passo.

- toc,toc,toc,toc,toc...

Depois de muito tempo sem ter como mensurar o quanto, consegui chegar ao último andar. Pela janela pude contemplar a beleza da capital de vários ângulos. Consegui avistar o azul do mar e, por que não, a sua perfeita divisão entre azul do céu e verde esmeralda. Retomei o ânimo, e percebi que havia em cada andar um sacada espaçosa que eu poderia ir subindo e descendo entre um pulo e outro em pouco tempo estaria em baixo.

Passei pela janela, coloquei os dois pés na laje e me apoiei numa coluna de concreto de tamanha espessura que não conseguia abraçá-la e ficar mais segura. O susto maior mesmo foi quando reconheci que meus pés estavam totalmente desprotegidos e, de onde eu estava, não havia passagem para lugar nenhum, simplesmente, direto para o asfalto que estava a vários quilômetros de distância iria. Fiquei numa situação de não poder mover nenhum músculo. Respirar passou a ser o meu maior desafio.

Comecei a imaginar:

- O que vai ser de mim?

- Meus pés estão ficando cansados.

- Meus braços já estão dando sinal de que querem escorregar pela coluna.

Olhei para baixo com todo pavor. Via carros. Via pessoas de um só tamanho. Eu não conseguia identificar, se crianças ou adultos. Ninguém olhava para cima. Nascia, a cada segundo em mim a esperança de que alguém olhasse para o céu e visse meu desespero. Comecei a sentir o suor nas mãos, que, com certeza, iria ajudar e, muito, a cair de uma vêz e me espatifar no chão.

Meus pés já davam sinais de dormência, quase não os sentia mais. Meu coração, ah meu coração! Já começava a dar aquela taquicardia que tem tudo a ver com pavor. Meus pensamentos eram só sintonia com Deus, depois da queda no chão, com certeza, eu iria direto subir para o céu. De uma altura dessas, o céu, com certeza, me esperava, os anjos já com as trombetas afinadas me esperando e os santos arrumando o quarto de hóspede. P a r o u um carro dos bombeiros em frente ao prédio e logo pensei, pois pensar era tudo o que me restava:

- Alguém me descobriu aqui.

- Graças a Deus!

- Se eles forem rápidos, armarem logo a tela de proteção que amortizará a minha esperada queda, vai dar tudo certo.

A coluna insistia em se soltar de mim. Meus pés, eu já os sentia com a metade fora da estreita laje. Com tudo isso eu ainda estava cheia de esperanças. Passados preciosos minutinhos, o carro dos bombeiros não tomava nenhuma atitude de salvamento. Decidi gritar:

- Socorro!

- Socorro!

Fui alterando a voz e gritando cada vês mais alto, tão alto, mais tão alto que fui perdendo as forças, mas não parava de gritar. Neste desespero acordei, ainda fiquei com os olhos cerrados por alguns minutos buscando encontrar o que havia acontecido. Abri os olhos bem devagar. Por algum tempo exercitei as mãos e os pés, conferi que estava inteira.

Conclui:

-Meu Deus! Que tremendo pesadelo!

Fim

NATAL

O ano inteirinho passávamos contando os dias para a chegada do natal, sempre na doce ilusão de que ele seria diferente dos anteriores, pois, a cada ano, no amanhecer do dia 25 de dezembro, minha mãe preparava a mesa para o café com bolo mole que ela havia preparado no dia anterior.

Ela sentava à mesa conosco e começava seu lindo e sereno discurso ensaiado, até já poderíamos repetir as palavras seguintes de sua fala. Olhava-nos uma a uma, acredito que conduzida por um sentimento de culpa de não poder cumprir suas promessas e começava:

- Ontem, vocês dormiram cedo demais. Papai Noel esteve aqui por volta da meia-noite, e perguntou onde estavam as minhas sete meninas e eu não podia mentir para o bom velhinho que viera de tão longe, para entregar os presentes. Eu, sempre muito sapeca, interferi:

- Mas os presentes ele, deixou, não foi, mamãe?

E, mais uma vez, se utiliza da criatividade maternal:

- Ah! Não! Não deixou, eu ainda insisti, porém ele disse:

- Presentes somente são entregues pessoalmente, se a criança dormir, ela perde tudo. E com lágrimas nos olhos:

- Na cartinha que eu mandei, lembrei a ele que o ano passado a culpa de não termos recebido os presentes fora dele, pois a Senhora nos falou no dia seguinte, que ele havia perdido nosso endereço na pressa em subir no tremó, pois suas renas não esperavam. Minha mãe atarantou-se diante da minha réplica:

- O que posso garantir a cada uma de vocês agora é que no futuro o

Papai Noel não perderá o endereço da casa dos seus filhos, pois vocês vão estudar, se formar e ganhar dinheiro. Aí, sim, o Bom Velhinho virá com certeza. Eu e minhas irmãs compreendemos que o presente de natal dependia do nosso empenho e desempenho como filhas, como cristãs e que nossos pais não tinham condição para o custeio da viagem do Papai Noel do Polo Norte para o Brasil.

Terminamos nosso café e saímos para brincar, vez em quando, percebia o olhar de minha mãe cheio de culpa e vontade de nos revelar a verdadeira identidade do entregador dos presentes. Meu pai trabalhava muito, nos víamos pouco, quando ele chegava, já estávamos dormindo e quando saía, era cedo demais, ele dirigia um carro preto com placa oficial e ainda lembro com nitidez do brilho e do barulho suave daquele carro de luxo que nos enchia de orgulho. Passado mais um ano de expectativa para a noite de natal, conversávamos entre nós:

- Este ano com certeza não haverá esquecimento, as cartinhas foram enviadas com tudo certinho e o contentamento tomava posse do nosso inocente coração.

Quando o carro preto reluzente parou em frente a nossa casa, tão simples, meu pai desceu com sua inconfundível pisada firme, com aquele sapato engrachado com o capricho da minha mãe.

- Arrume as crianças, Consinha, (apelido carinhoso que ele dispensava a minha mãe). Ela indagou com admiração:

- O que é isso, homem de Deus?!

Ele explicou com sua perfeita dicção:

- Hoje é o natal da repartição, vou levar as meninas.

Inacreditável! O milagre do natal chegou! Como poderíamos perder mais tempo? Um banheiro para tanta gente na mesma hora, o banho foi o mais rápido de toda a nossa vida.

Fomos arrumadinhas e cheirosas, perfume não podia faltar, uma boa e clássica seiva de alfazema. Dos sapatos não lembro e nem tampouco das roupas. Sei que nada era novo, pois só quem se dava ao luxo de roupas e sapatos novos, de vez em quando, era a primeira filha, já mocinha, as demais iam aproveitando as dela, de acordo com o crescimento.

Na euforia e no corre-corre só fomos três e tínhamos a responsabilidade de trazer o brinquedo das que ficaram. Entramos no carro e nosso pai nos conduzia como princesas em suas ricas carruagens. Chegamos e adentramos a um salão muito animado e cheio de balões, foi servido um lanche e logo depois os pais eram chamados pelos nomes completos e recebiam um saco, de acordo com o número de crianças, era a quantidade de brinquedos.

De repente, de súbito, no auto falante aquela voz suave, inesquecível:

- Seu Francisco Dias!

-E nosso coração não aguentava mais.

A caminhada que meu pai fez, de onde estávamos ao palco, foi quilométrica.

Chegou lá recebeu e voltou. E nos entregou o saco grande. Em cada brinquedo Papai Noel teve o cuidado de escrever o nome de cada uma de nós.

Exclamações de alegria a todo o momento de cada criança. Lamentações de outras. Não sabíamos como fazer para que coubesse dentro de nós tanta alegria. - Este boneco tão grande é meu:

Em voz alta e cheia de espanto, minha irmã Celene, sempre mais contida, ganhou uma boneca cujo nome passou a ser Graciosa. Ela depois de muitos anos ainda fala dela, mas, nunca saberemos qual o tamanho de sua alegria. Retornamos para casa, conduzidas por meu pai, e ao chegar, as pequenas, que não foram, correram para nos receber arrancando de nossas mãos seus brinquedos. Quanta felicidade no olhar de minha mãe, que havia se transformado em palavra cumprida.

E neste ano, o Papai Noel, quem sabe, se por drama de consciência, ou não veio mesmo, de forma efetiva, chegou antes da data fixada. E quando a noite chegou, meu pai abriu a Bíblia e leu para nós sobre o verdadeiro sentido do natal, que era celebrar o nascimento de Jesus e que Deus já havia nos enviado seu filho como presente de amor e fé. E, com o tempo, fomos entendendo, celebrando e vivendo o autêntico sentido do evento no calendário religioso.

Fim

A PRINCESA DO REINO DO VAI E NÃO TORNA

Morava no castelo o Rei Felipe, sua filha Flora, que jamais havia dado um único sorriso em toda sua vida. Tudo era silêncio e pairava no ar um clima angustiante. A rainha, já falecida, deixara a princesa Flora pequenina aos cuidados do rei e da criadagem. Um Rei bondoso não merecia esta solidão: pensavam os moradores e servos do Rei.

Flora, quatorze anos, bela menina de cachos dourados e as maçãs do rosto rosadas, porém nada dava realce a sua juventude e beleza, pois lhe faltava o sorriso, descia duas vezes por dia para o salão real: no almoço e no jantar. Todo o resto do dia passava debruçada sobre a janela de seus aposentos, contemplando a natureza e observando os passantes dos arredores.

Diante da tristeza e olhar distante de sua filha, o Rei Felipe em nada se concentrava, a não ser buscar formas que arrancassem do rosto de sua filha um sorriso que fosse. Um dia, já bastante insatisfeito, baixou um decreto:

- Desta data em diante o rapaz que conseguir arrancar dos lábios de minha princesa um sorriso, este mesmo casará com ela e herdará a metade do Reino DO VAI E NÃO TORNA. A notícia espalhou-se como um raio.

Vinha gente de todos os confins do mundo. Rapazes de todas as idades e nacionalidades. Contavam piadas, histórias engraçadas, rodopiavam pelo chão, cantavam e se cutucavam todo, no máximo o que conseguiam era um olhar de desprezo lançado pela princesa Flora. E sua rotina era a mesma de braços sobre a janela do quarto real.

Nos arredores do palácio morava uma boa senhora com seu filho João. Era moleque, preguiçoso, moleza no corpo inteiro, vivia deitado numa rede velhinha a se balançar. O moço era conhecido por João Angu, pois era seu alimento preferido.

Tudo quanto a boa senhora queria dele, valia-se da troca por um prato de angu. Vez por outra, faltava a lenha para o cozimento das refeições, quando ele resolvia atender a sua mãe, já era noite, retornava e novamente a se balançar na velha rede de algodão. E no castelo amanhecia e anoitecia o Rei Felipe, sem qualquer resultado de um pretendente para a sua filha. No jantar, a filha em silêncio.

O Rei puxou um fio de conversa:

- Filha, não te anima para bailes ou visitas a outras princesas de tua idade?

Ouviu apenas como resposta:

- Não! Papai, estou bem e nada me falta.

O rei retrucou:

- Falta-te alegria. Um sorriso nos lábios não imagina o quanto ficarias mais bela.

Flora levantou os olhos lentamente e disse:

- Boa noite, papai!

O Rei sentou-se na poltrona real com dificuldade por sua barriga avantajada e sua baixa estatura, pois seus membros eram curtos, passou a mão na cabeça com poucos cabelos e com ar de desespero pensou:

- Uma linda moça, porém, triste. Há de acontecer um milagre neste reino que a faça sorrir.

Pela manhã, na casa de João Angu, faltou lenha, e sua bondosa mãe começou cedo a adular o lento rapaz para adentrar a mata e buscar a madeira para o fogo.

- João, chega ligeiro, vai pegar um feixe de lenha, meu filho! A mãe ordenou.

O rapaz espreguiçou-se, esticou os braços, e ficou olhando para o vazio com caras e bocas que denunciavam sua preguiça e falta de boa vontade.

Diante da dificuldade de João, a boa senhora, imediatamente, propôs um acordo:

- João, vai buscar a lenha, que eu te faço um prato de angu.

Saindo da rede, com rapidez, ele saiu a caminho da estradinha estreita de barro, cabeça baixa e bem disposto, pois seu interesse era no angu gostoso da boa Senhora.

Foi longe demais, com o facão na mão, cortando lenha com destreza, sem mensurar a quantidade. Quando olhou para o feixe de lenha, ele não acreditou.

- Meu Deus, quanta lenha! Como levarei para casa? Perguntou-se o rapaz.

E já bastante cansado, deitou-se à margem de um pequeno riacho que corria separando o castelo do REINO DO VAI E NÃO TORNA da vizinhança. Devagar, foi se molhando e gostando daquele inesperado banho de rio. Pulava e quando olhava para o feixe de lenha, lhe voltava o desânimo e reclamava:

- Caso eu consiga levá-lo, nunca mais precisarei cortar lenha.

Voltando ao banho de rio começou a bater fortemente com as mãos na água fazendo um barulho que aproximava os peixes. Em meio as fortes braçadas,

acertou uma piaba, peixe comum em lagos.

- Te peguei pequena, serás meu almoço! Disse João.

Fechou a piaba na mão e o peixinho começou a se debater, em pânico. Nadava de um lado a outro, batendo as nadadeiras com urgência e a mão grande, em côncavo a impedia de respirar. Já exausta, tomou uma decisão inesperada:

-SOLTA – ME, JOÃO! – gritou o peixe.

O rapaz, assustado, parou até de respirar, do susto que levou.

- Quem está aí? Perguntou João Angu.

-Sou eu, João, presa aqui em tua mão! Respondeu a piaba, ainda tentando se livrar da mão forte do rapaz.

Ele olhou e viu o peixinho minúsculo, gritando e debatendo em sua mão.

- Sai, de reto, assombração! Exclamou o garoto assustado.

A piabinha voltou a falar:

-Não tenha medo, João, sou encantada. Olha, se você me libertar, farei tudo o que me pedir, realizo todos os seus sonhos, os mais impossíveis.

João pensou:

- Uma piabinha encantada, e que fala.

- Sorte grande!

Então, João lembrou-se do decreto do Rei, o rapaz sempre passava em frente ao palácio, e inúmeras vezes contemplou a imagem da bela princesa na janela, sempre séria.

João não pensou duas vezes e disse:

-Vou testar seus encantos, piabinha encantada, eu quero que você faça a princesa do REINO DO VAI E NÃO TORNA sorrir.

E a piabinha anunciou de prontidão:

- Tudo o que você quiser, João.

- Agora, meu rapaz, arrume o feixe de lenha e o amarre de modo que lhe dê estabilidade e segurança, pois você vai subir sobre ele numa carreira veloz.

João, ressabiado, retrucou: Eu pedi pra fazer a princesa sorrir e não pra carregar a lenha. A Piabinha falou:

-Você quer ver o sorriso da princesa ou não?

-Somente obedeça e o resto deixe comigo.

A Piabinha deu as coordenadas:

-Leve a lenha até o ponto mais alto da ladeira que segue a estrada do castelo. João olhou para o sol já alto. Imaginou:

-Não dará tempo, é hora das refeições do rei, ela o acompanha. Tenho que ser rápido senão, quando eu passar a janela estará fechada. A piabinha falou:

-Quem pensa não casa, João Angu!

Mais do que depressa entrou no bolso do amigo e viu o feixe de lenha desfilar na estradinha de barro em alta velocidade, com o João Angu no comando e a poeira subindo.

Quem estava na estrada apontava:

- Aquele lá, não é?

A rapidez não permitia que vissem o que na realidade estava acontecendo.

E gritavam na rua:

-É João Angu!

Quando de repente, o feixe de lenha passa em frente ao palácio real e a princesa Flor, a como de costume, de braços sobre a janela, levanta os olhos e os arregalam com bastante espanto!

O que é... Sem se conter com a cena, abriu seu semblante terno, sério e angelical em uma exagerada risada que de todos os cantos do REINO DO VAI E NÃO TORNA pôde ser ouvida.

A princesa Flora passou o resto do dia cantando, sorrindo, pulando e alegrando todo o reino. Sua alegria contagiante tocou, de modo profundo, o coração de seu pai e de todos os súditos. À noite, desceu as escadas do palácio em altos pulos.

O Rei Felipe convidou a criadagem para sentarem à mesa, pois a princesa iria contar o razão de seu raro sorriso. E puxou um fio de conversa:

-Não viram aquele feixe de lenha desgovernado?

- Ele deve ter sido guiado por alguém.

O Rei interferiu:

-Por quem?

Era um rapaz, papai, foi rápido, porém, vi bem, era um rapaz.

Nesta noite foi possível até uma taça de vinho de tamanho contentamento por este súbito sorriso real.

Recolhidos a seus aposentos, o Rei Felipe imaginava que palavra de Rei não tem volta, era preciso honrar a palavra dada no decreto e pensava:

- Vou entregar minha amada filha nas mãos de um desconhecido.

Flora desceu as escadas para o desjejum mais cedo do que o relógio real imaginava badalar, seus pulos eram tão fortes que acordou todo o castelo.

Sorriu como nunca e comeu com alegria.

Decidiu o que gostaria de fazer neste dia:

Cavalgar, tomar banho de rio, passear pelos jardins e, no fim da tarde, procurar o lenheiro que a fizera sorrir.

Quando participou ao rei o último desejo, ele entrou em pânico.

-Procurar onde? Respondeu o Rei.

A princesa serelepe considerava tudo fácil demais.

- Ora, meu pai, ordene ao chefe da guarda que busque pelos arredores notícias do lenheiro engenhoso. Disse ao rei com firmeza.

A primeira ordem do dia:

-Homens, procurem este rapaz incansavelmente.

- Tragam-no á minha presença.

- Minha filha, tenha calma, este moço deve ser um príncipe, portanto, não deve ser encontrado com tanta facilidade.

João em sua casinha humilde já dava como certo seu casamento com Flora e conversava com a Piabinha encantada.

- Acho que devo lhe pedir mais um favorzinho.

-Mais um ,João? Perguntou a encantada amiga.

- Pois é. Quero ser encontrado pela princesa, eu a fiz sorrir, todo o povo fala que o lenheiro veloz fez a princesa sorrir, e quem é o lenheiro?

- Sou eu.

- mereço a recompensa.

Sua mãe ouvindo a conversa pensando que João falava sozinho, interferiu:

- Não se iluda, a princesa já deve está prometida para um príncipe e herdeiro de um rico reino, continue sonhando com um prato de angu bem quentinho.

A Piabinha animada na mão de seu amo prometeu:

- Vou ajudar.

- À noite arme uma fogueira bem alta e pela fumaça todos saberão que aqui há um lenheiro esperto. E assim João fez.

Não deu outra, em questão de minutos pára na casa de João uma rica carruagem toda dourada e dela desceu o chefe da guarda já indagando:

- Quem é o lenheiro?

João desconfiado:

- O Rei Felipe do REINO DO VAI E NÃO TORNA manda dizer que a princesa está prometida para você e o casamento no castelo será nos próximos quinze dias e adiante-se, rapaz, em fazer tudo direito, pois esta união não é do agrado do meu Senhor, todavia tem que se dá cumprimento ao

decreto que você já conhece.

João apertou a Piabinha, na mão de tão agradecido. Passado os quinze dias o rapaz precisou mais uma vez, e pediu a sua amiga encantada que o ajudasse. E surgiu sobre a mesa da cozinha uma roupa azul com linhas douradas, sapatos pretos brilhosos de encandear a visão e o rapaz saiu animado, acompanhado de toda a vizinhança com a Piabinha no bolso, adentrou o castelo, com o coração aos pulos, era chegada a hora de receber Flora em matrimônio.

Olhava para todos os lados e só via riqueza, beleza e todos os olhos admirados com aquele rapaz tão desajeitado, tornar-se herdeiro do REINO DO VAI E NÃO TORNA. O chefe da guarda anuncia a entrada da sorridente noiva conduzida pelo Rei Felipe.

Quando a princesa colocou seus olhos sobre João Angu, não teve dúvida em aceitá-lo como seu companheiro pelo resto de sua vida e daquele momento em diante, se olhavam com a ternura de um casal apaixonado,

O rei que jamais poderia se arrepender de uma promessa, não gostava de João e passou a humilhá-lo em todas as oportunidades que surgiam no dia a dia do reino, pois o Rei esperava que sua filha linda Princesa, fosse prometida para um príncipe que a merecesse.

João já com tanta mágoa guardada em seu coração; resolveu mais uma vez, solicitar o auxílio da Piabinha encantada. Ele a mantinha guardada em segredo. Chegou pé ante pé, bem devagar, aproveitando o profundo sono da princesa e chamou a Piabinha, que de um salto o atendeu:

- Diga, João, sei que você não está feliz e a minha promessa continua de pé. Faça tudo que você mandar.

- Vai, manda, coragem!

E João, cheio de coragem profere:

- Quero que surja, ao amanhecer, um castelo maior e mais bonito do

este do REINO DO VAI E NÃO TORNA,

- Tudo em ouro e a mobília encantadora.

- Quero que todos fiquem maravilhados com tamanha beleza.

É hora de se recolherem aos seus aposentos e como já era de se esperar, a Piabinha não perdeu tempo.

Quando o dia clareou, João Angu e a Princesa Flora haviam se mudado para o majestoso castelo. O Rei desceu para o salão real para o café da manhã e sentindo-se sozinho, resolveu andar pelos jardins do castelo, levantando seu olhar para os arredores, deparou-se com aquela belíssima arquitetura e sem acreditar no que via mandou o chefe da guarda, imediatamente, investigar como, surgiu de repente aquele castelo e quem eram os donos.

O chefe da guarda retornou com um ar de espanto: Meu rei, tudo que pude descobrir é que hoje os proprietários estão oferecendo para todos os reinos um jantar real e enviam-lhe este convite.

O Rei Felipe olhou admirado com tanto bom gosto, letras em fios de ouro e laço de fita. Ansioso, procurou os anfitriões e para sua surpresa: João Angu e princesa Flora. O anoitecer foi diferente naquele reino, todas as luzes do novo castelo acenderam simultaneamente dando um clima de festa.

As carruagens foram chegando incontáveis, esplendidamente belas, homens e mulheres elegantes em fraques e babados, saias longas e armadas. Finalmente, a esperada chegada do Rei Felipe e sua comitiva real. Flora corre sorridente para abraçá-lo, porém João o recebe friamente. A mesa do jantar preparada, perfeita ornamentação em rosas naturais, pratos bordados em ouro personalizados em letras de ouro: JOÃO E FLORA.

Toalhas em linho bordadas à mão.

Os talheres em maciço ouro a reluzir à mesa. A Piabinha encantada tinha trabalhado incansavelmente para agradar seu amigo João. João estava sempre com a piabinha no bolso e afastou-se um pouco dos convidados para

falar-lhe.

- Ainda tens uma última missão:

- Algo não saiu do seu agrado, João?

Ele, em reconhecimento por seu serviço prestado, disse-lhe:

- Tudo perfeito, saiu como o planejado, porém quero que um talher seja encontrado no bolso do rei Felipe. E assim a Piabinha fez.

Os convidados foram conduzidos aos assentos, em lugares previamente marcados para iniciar o jantar. Na hora que o serviçal começa a servir, sente falta de um talher e faz esta revelação ao João. Houve neste momento alguns rumores.

Uns diziam:

- Não fui eu!

- Outros proferiam podem me revistar!

João, com calma e simplicidade, solicitou que os homens procurassem em seus paletós e, para espanto de todos, o talher fora encontrado no bolso do Rei Felipe, pai da Princesa Flora;

Assustado e sem ter como se defender retirou-se do castelo às pressas e muito desapontado, sem se dá conta de como tinha acontecido tamanho mal entendido.

Aos poucos, os representantes dos reinos foram se retirando até que o último saiu, O castelo já vazio, a Princesa muito tristonha como nunca mais havia se sentido, retirou-se para os aposentos, convidando João para acompanhá-la, pois, já apresentava enfado depois deste jantar repleto de estranheza.

Nasce mais um dia, João e Flora desceram para um café reforçado e resolveram passear pelos jardins. A Princesa olhou para João e, docemente, pediu:

-João, me conta o teu segredo.

Assustado, sorrir sutilmente:

-Não há nenhum.

Ela insiste:

-Conta-me, confia em mim, não conto pra ninguém.

- Será um segredo somente nosso.

Ela continua:

- De onde saiu este castelo?

- E o feixe de lenha, que me fez sorrir?

- Conta João, eu guardo o segredo.

-Não conto a ninguém,

E João negando, eu não tenho segredo.

Ela colocou as mãos em seu rosto e falou baixinho:

- Conta-me teu segredo que eu faço um delicioso prato de angu.

Ele não resistiu: Puxou do bolso a Piabinha e mostrou:

- É encantada, encontrei-a no rio.

Ela faz tudo que eu peço e pode fazer muito mais.

De repente, abriu a mão e a piabinha quase sem vida ainda falou:

- João, eu era encantada pra você, eu era simplesmente a prova de que você é um vencedor, que o importante não é ter. É ser.

- João, você é bom, tem pensamentos positivos, por isso acontecem coisas boas para você.

- Veja o que a ambição foi capaz de fazer.

-Vá ao REINO DO VAI E NÃO TORNA presente seu arrependimento ao Rei Felipe, ele pode não se arrepender, porque é Rei, você pode, faça isso, tome sua esposa amada pela mão e de lá não torne nunca mais.

Calado e pensativo João procurava os jardins, os talheres, todo o ouro. O castelo e tudo haviam desaparecido da mesma forma como tinha surgido num passe de mágica. A Piabinha silenciou sua voz. João entendeu sua

mensagem e a levou rapidamente para o rio, onde era o seu lugar, lá ela ficou paradinha tentando recuperar sua vida.

João caminhou até o castelo do Rei Felipe e fora recebido com a Princesa Flora como um verdadeiro Rei, pois o rei Felipe desde o início era bondoso, a partir de agora vão viver em harmonia, com humildade, para que todos aprendam amar além das aparências.

Fim

O SAPO XADREZ, A INVESTIGAÇÃO

- Olá, Senhor sapo!

Falou Denise à beira do lago.

- Parece-me está com frio? Continuou a conversa.

O sapo era morador deste lago desde que era girino, ele não tem lembrança nenhuma de seus pais e acha que morreram. Toda noite, ele volta para o mesmo lugar, na tentativa de encontrá-los, não fosse a bondade da pequena Denise, o pobrezinho já havia morrido. Denise, sempre amiga, trazia-lhe alimento todo dia na mesma hora. E lhe chamava com carinho:

- Xadrez!

- Onde está você?

O sapo saía de uma loca:

- Estou aqui.

- Olhe, hoje houve festa na minha casa, e guardei bolo para você.

- Coma tudinho, senão, não terá força para encontrar sua família.

O sapo tristonho:

- Denise, ontem à noite estive aqui, conversei com umas rãs bem antigas, aqui do brejo. Elas acham que meus pais foram carregados por uma

grande enxurrada e que não tiveram condição de chegar até a terra firme, e que só escapei por que mamãe havia me deixado longe do brejo para o banho de sol.

Denise ficou penalizada com a expressão de tristeza de Xadrez e prometeu ajudá-lo na busca:

- Amanhã, não tenho aula, acordarei junto com os pintos e virei correndo para começarmos a investigação sobre o desaparecimento de seus pais.

- Fique tranquilo, nada pode escapar da minha habilidade, agora coma. Xadrez olhou para o bolo, porém não tinha nenhuma vontade de comer. Chorando disse à menina:

- Sei que não vou mais encontrá-los.

Denise com voz firme:

- Já disse, vou lhe ajudar. Espere o dia amanhecer e começaremos a busca. Denise afastou-se do brejo e começou a pensar numa forma de ajudar Xadrez.

- Já sei!

Vou convocar uma grande assembleia na beira do lago e formar uma boa equipe de busca e salvamento, acho que todos participarão depois que eu explicar o caso. Há poucos metros de sua casa ouviu a voz de sua mãe que estava à sua procura:

- Filha, não se afaste tanto de casa, anda por aí sozinha, este lugar é tão esquisito, de repente, surge um bicho feroz e você é tão pequena, tem apenas sete anos, não sabe ainda se defender.

Denise arregala os olhos para sua mãe:

- Êpa! Não tenho medo de bichos não, eles são amigos.

- Pois saiba que amanhã terei uma manhã reunião no brejo, vou dar início as buscas pra encontrar os pais do sapinho Xadrez.

A mãe em tom de graça:

- Pois não, senhora detetive, vá para o banheiro, tome banho, vista o pijama e venha tomar um chocolate quente, pois a noite está fria e você pode até se resfriar.

Denise obedeceu à mãe, porém não tirou da cabeça seu plano. Deitou-se e começou a traçar seus planos:

- Quando começa a citar os nomes que farão parte da equipe seus olhos pesaram e a pequena dormiu profundamente.

A mãe, muito cedo, gritou da cozinha:

-Denise, levantando rápido, filha!

- Olha, a escola não espera!

Ainda sonolenta, ela responde:

- Hoje não haverá aula, é feriado, Dia de Todos os Santos.

- Mesmo assim, vou despertar, pois o compromisso me chama.

Vestiu calça e camisa como se fosse a um safari, chapéu de abas longas e botas cano longo. Quando sua mãe olhou para ela, admirou-se:

- Dona detetive, quanta elegância! Tome um copo de leite.

Denise engoliu rápido e saiu porta a fora cantarolando. Não demorou chegou no lugar combinado com Xadrez, e para sua satisfação, ele também estava de paletó, botas e chapéu. Ela sorridente, o cumprimentou:

- Vejam só! “Quanta elegância, camarada”!

Xadrez cheio de orgulho:

-Ora, ora, boa menina, para andar com uma mocinha tão gentil, não poderia ser diferente.

Denise com graça:

- Pois muito bem! sapo galanteador! tome meu braço e vamos ao que interessa.

- Lutar por notícias de seus pais.

E sentaram à beira do lago, para formar a equipe de trabalho.

Denise trouxe em sua mochila um material que ela chamava material de socorro. Retirou uma lata furada nas duas extremidades e colocou na boca o que chamou de megafone e começou a gritar pelos animais mais próximos: “Atenção! Muita atenção, bichinhos que tanto amo! Venham onde estou agora, temos camaradas em perigo, vamos em missão de socorro, compareçam agora.

- Deixem sua preguiça de lado, ou quando estiverem precisando de mim, não os socorrerei.’

Em questão de segundos, a beira do lago estava de forma que ninguém mais se entendia, em consequência do barulho. Os bichos chegavam de todo jeito: correndo, voando, pulando, nas costas uns dos outros, mas chegavam e se perguntavam:

- E aí qual é o ocorrido?

As respostas vinham em coro:

- Não se sabe ainda,

A abelha fofoqueira:

- Deve ter sido algum peixe que se afogou.

Todos riam e zombavam da situação.

Denise levantou-se com seu megafone e pediu;

- Acomodem-se, não estou para brincadeiras.

-.Vamos lá!

- Silêncio!

E iniciou a reunião:

- Sou a detetive Denise, estou aqui para realizar uma força-tarefa para encontrar um casal de sapos que desapareceu, deixando o pequeno Xadrez sozinho no brejo.

- Agora, eu pergunto:

- Quem viu alguma coisa de estranho que possa ajudar?

A abelha, que sabe da vida de todo mundo, se manifesta:

- Eu, que muito zumbizar faço por aí e que nada escapa da minha vista, e do meu zumbido que zune, não sei e nunca os vi mais barrigudos.

- Cala essa boca, encrenqueira! - gritou o beija – flor que estava atento ao pedido da pequena detetive:

- Não pode ajudar, cai fora, abelhuda!

A abelha expôs os seus ferrões para ferir o passarinho, mas Denise interferiu a tempo:

- Não há tempo para discussões, a hora é de formarmos uma corrente do bem e trazermos de volta os pais de Xadrez. Eu sugiro que formemos equipes de busca. Cada uma vai para um lado.

- Vejam! Eu trouxe alimento para todos, e estes rojões, caso haja qualquer notícia, o chefe da expedição solta-o e os que ouvirem, seguem a trilha pelo barulho.

- Alguém tem outra sugestão?

A borboleta azul, com sua delicadeza:

- Acho esta ideia muito elegante, posso chefiar a equipe dos voadores, por termos facilidade em alcançar os lugares mais difíceis.

Todos aplaudiram a borboleta, que sobrevoou diante de todos que ali estavam na reunião. O calango se candidata a chefiar a equipe dos animais de pernas curtas.

- Posso me arrastar até dentro das locas.

Denise se anima;

-Muito bem!

E finalmente todos entraram nas equipes e partiram para a busca. Xadrez pede à Denise para fazer parte de sua equipe, porém a pequena passa a mão em sua cabeça e diz:

- É melhor não ir, não sabemos o que vamos encontrar pelo caminho, fique aqui e logo darei notícias.

Xadrez recolhe-se à loca com grande tristeza. Na equipe de Denise está Dr. Sabe Tudo, um peixinho de cor vermelha, que comanda os outros peixes no lago, conhece todos os lugares, Denise colocou-o em um vidro e juntos percorreram os quatro cantos do brejo.

Vermelho olha para o sol e comenta:

- Já é tarde e nenhuma notícia. Isso para mim, não é bom sinal.

Denise repreende-o:

- Ora, veja só! está aí dentro d'água e ainda fala em quentura, e eu que estou com este roupão quente?

O peixinho sorrindo:

- É, pensei até que fosse à guerra.

De repente, eles ouvem o estampido de um sinalizador, entreolham-se e seguem a trilha pelo barulho.

Denise indaga!

- O que será?

- Rápido, Dr. Sabe Tudo. Rápido!

Correram com dificuldade, pois os tênis de Denise estavam encharcados de tanto pisar na água. Ao chegarem no ponto de onde saiu o barulho, lá estava o beija-flor deitado no chão, todo pinicado pelo ferrão da abelha abelhuda que acompanhou a equipe dos voadores a fim de tomar satisfações pelo ocorrido na beira do lago logo pela manhã.

Denise correu para socorrê-lo:

- O que houve?

A borboleta sempre delicada:

- Chamei vocês porque esses dois estão sempre brigando e as buscas estão sem resultado.

- Gostaria de pedir que você, como chefe das investigações, tomasse uma providência.

Denise pasma:

- Não acredito, abelhuda! Quase mata o pobre passarinho!

- Quanta maldade, pensei que no meio dos bichos, todos fossem amigos, mas pelo que vejo, vou dispensar sua ajuda, Dona Abelha, e quanto ao senhor, passarinho, suba em meu ombro, vamos voltar para os curativos: água fresca, alpiste e um bom descanso.

O peixinho vermelho, com sabedoria: Oh! Cara detetive, o beija-flor está necessitado é do pólen das flores. Denise prossegue:.

- Que seja, vamos andando, vou estourar um sinalizador e, por hoje, as buscas estão encerradas.

O peixinho vermelho lamenta;

- Pobre Xadrez! Mais um dia de angustia, por causa destes desunidos, não digo desumano, porque não o são, estão envergonhando nossa classe. A pequena investigadora chega com o pássaro nos ombros e os demais bichinhos vão chegando como podem. O calango vem por último, pois o pobre coitado se arrasta vagorosamente por conta de sua idade avançada e medo de se encontrar com répteis mais ferozes.

Denise cheia de graça:

- Oh! Caríssimo calanguinho, deve está muito cansado, sua barriga machucada, vá descansar.

Quando todos estão em ritmo de despedidas, ouve-se um soluço vindo da beira do lago, todos silenciam, para ouvir melhor. Para surpresa de todos, era Dama, a mãe de Xadrez, que coaxava com desespero:

- Não há mais o que procurar .Eu estou aqui, agradeço por tudo, mas as buscas devem encerrar por aqui.

O pequeno Xadrez saltou até sua mãe com muita alegria, porém sem

dispensar uma verdadeira avalanche de perguntas:

- Mãe, por que me deixou aqui?
- Você está bem?
- Não está ferida?
- Por onde andava?
- E a enxurrada?
- Como escapou?
- E meu pai?
- Onde está meu pai?
- Vamos buscá-lo.

Dona Dama mantendo a calma.

-Olhe, Xadrez, são muitas perguntas ao mesmo tempo, vamos por partes, estou muito exausta, preciso de um tempo para me refazer, saltei demais brejo a fora.

- Eu precisei deixá-lo para sua segurança, à noite enquanto você dormia, apareceu aqui uns, homens, donos de um grande restaurante, fora do sítio, que vendiam rãs ensopadas e ouviram falar que aqui havia em grande quantidade, resolveram certificar-se e confundiram eu e seu pai, o Dominó, com rãs de viveiro, nossa luta foi muito grande tentando provar que somos sapos e ainda não conseguimos, pois eles me libertaram, porém fizeram seu pai de refém, permitiram que eu viesse com o compromisso de levar para eles uma grande quantidades de rãs.

Nisso, todos ouvindo aquele sinistro relato. Apavorados! E a rã chefe falou em tom sério:

- Nem pense Dama, usar as rãs do nosso brejo para salvar Dominó.

Outra que pula descontroladamente;

- Engraçado, quer se salvar, tirando nossa pele fria, você perdeu o juízo, Dama? Todos coaxando em protesto:

- Fora daqui!

- Aqui você não fica!

- Nem o seu filho Xadrez, a quem queremos bem, vamos mais proteger.

- Não queremos correr riscos de sermos capturados por estes donos de restaurantes.

- Infelizmente temos que tomar uma atitude, cercar todo o brejo, impedindo a entrada de estranhos e a permanência de sua família também será proibida.

Dama coxa em prantos:

- Não tivemos culpa!

- Não sabemos quem deu esta informação tão cruel.

‘Denise cuida dos fermentos do beija-flor, enquanto ouve o lamento da mãe de Xadrez. E, de súbito, exclama:

- Calma aí, Dona rã, sabemos que esta história é de meter medo, mas, não podemos julgar sem saber o que, na verdade, aconteceu.

- Vamos abrir outra linha de investigação já que Dama apareceu e conhece o paradeiro de Dominó.

- Justo é que descubramos o que está por trás de tudo isso.

- E aí, sim, tomarmos as devidas providências.

- O beija-flor agonizando de tanta dor, por conta das picadas no corpo consegue interferir:

- Não tenho certeza, mas acho que tudo isso sai das antenas de uma abelha abelhuda e muito má. Ela nunca aceitou que, por entre este sítio, de tantas árvores, onde ela e sua colônia produzem mel, existisse este lago, este jardim florido onde, também, tiramos nosso alimento e nem que formasse o brejo para que os sapos e rãs pudessem viver.

- Por isso insisto, foi a abelha abelhuda, ela é a rainha, ela é egoísta.

Denise pede ao beija-flor que não diga mais nada, quer queira ou não, as abelhas são bem mais forte, e se não podemos com o inimigo, vamos nos juntar a ele, esta é a ideia. O pobre pássaro inconformado, recolhe-se a sua dor. Denise solicita que a abelhuda se aproxime com calma, pois a situação é de vida ou morte para todos, pois hoje estão comendo as rãs nos restaurantes. E depois, vão entrar no sítio com tochas de fogo e matar as abelhas queimadas e levar todo o mel.

É hora de pensar melhor, se unir como uma única família e resgatar Dominó das mãos do inimigo e armar um plano para acabar com eles. A abelha se rende:

- Grande ideia, mas qual é o plano?

Denise continua;

- Primeiro, quem atraiu os donos de restaurantes para o sítio?

- Alguém tem coragem de assumir esta história?

Todos olham para a abelha simultaneamente. Ela desconfia e reclama:

- Êpa, êpa, êpa! Eu não fiz isso, já cometi muitos erros, esse, não.

- Ninguém tem provas contra mim.

A Dama, embora muito magoada, pede que tenhamos cuidado com as acusações. Lá da beira do brejo, a velha rã, que se sente a dona do lugar por conta de sua idade, pede a palavra;

- Fui eu. Um dia, saí para me aquecer no sol da calçada e lá fui pegue por um homem que me colocou em um saco e fiquei muito aflita, e na tentativa de negociar com ele, lembrei-me que a família de Dominó e Dama era de uma espécie de pele lisa e clara, que seria fácil confundi-los com rãs e sobretudo, era um casal do jeito que eles queriam para o criatório. Então, não medi as consequências, combinei para que viessem enquanto eles tomavam banho de sol com o pequeno Xadrez e assim fizeram, capturaram o casal, deixando o pobre sapinho na solidão.

Todos atentos às explicações exclamam!

- Dona Rã, que crueldade!

-Agiu com frieza e premeditação.

Denise interfere pasma:

- Que horror!

- Quanta maldade, a senhora fingindo-se de boazinha, não passa de uma traidora.

- Mas, tudo bem, vamos em frente, não há tempo para discussões agora, precisamos resgatar Dominó.

A abelha revoltada;

- Mereço um pedido de desculpas e lançando um olhar de desprezo:

- Essa aí, toda calminha, não passa de uma criminososa.

Denise pede a todos que mantenham a linha de calma:

- Amigos, o próximo passo é resgatar Dominó.

-Como faremos isso? Dama pergunta.

Denise prossegue:

- Dona Rã, que armou esta cilada, vai desfazer tudo, da seguinte maneira: a senhora vai ao restaurante levando uma linha escondida, quando chegar lá, vai descobrir onde é o criatório e tendo descoberto, ficará como uma maluca dentro do restaurante, aos pulos. O dono, perturbado com a agitação da senhora vai colocá-la no criatório e estando dentro, combine com Dominó que esteja preparado para o resgate.

Amarre a linha na pata dos dois ao mesmo tempo, e nisso coloque a outra ponta com a ponta fora do recipiente. E aí entra a ação do calango, por ter acesso ao restaurante quase sem ser visto, puxará com força a ponta da linha, que, de imediato, o criatório de vidro, cairá no chão quebrando todo e nisso, a rã e sapo saem aos pulos, escapando assim de se tornar alimento de turista.

- Entendido, dona Rã?

- E seu calango?

Responderam ao mesmo tempo:

- Sim, conte conosco.

A Rã, arrependida, dirige-se à Dama;

- Perdoem-me, tive medo, agora tudo farei para protegê-los.

Denise finaliza dizendo:

- Este é o plano de resgate e ainda vamos traçar uma ação para eliminar os inimigos e quero saber se podemos contar com as formigas mordedoras?

Do formigueiro, elas em fileiras respondem:

- Estamos aqui para morder e deixar a pele dos monstros roída e ardendo, pegando fogo.

Xadrez animado:

- Valeu! Formiguinhas, vamos salvar minha família!

Dama ainda sem acreditar:

- Calma Xadrez , vamos torcer para que tudo dê certo, dentro do previsto.

O zangão se manifestou de maneira bondosa:

- Todos pensam que fazemos ataques por maldade, mas isso não é verdade.

- Agimos em defesa de nossa colônia, nossa família e nosso alimento.

- Espero que entendam, pois resolvemos auxiliar no resgate.

Eu e minha rainha vamos fazer frente às formigas e vamos vencer! Todos gritam empolgados;

- Vitória!

-Vitória!

Denise agradece a todos e tira do bolso de seu casaco um apito e diz:

- Ao som do apito vamos ao resgate!

Todos:

- Só se for agora!

A abelhuda se manifesta;

- Vamos lá, beija-flor, não tem mais cura?

- Levanta desta folha e faça a trilha do resgate.

O passarinho foi devagar, devagar, tomou força nas finas patinhas, exercitou o bico, sacudiu as penas e levantou voo.

Todos gritavam de alegria;

- Ê Ê Ê viva!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Ao chegar ao restaurante a rã fez exatamente como o combinado, jogou a linha deixando uma ponta para o calango atracar. Quando o sapo Dominó viu-a, sem nada entender, perguntou:

-O que significa isso?

A rã responde:

-Psiuuuuu! É um plano para lhe tirar daqui, ou quer virar comida de turista?

-Amarre-se bem e siga as instruções.

- Vou me amarrar em você, para que tenhamos maior força para derrubar este criatório.

O sapo descrente:

- É de vidro, é pesado e pode nos machucar!

A rã:

- Apenas obedeça, seu sapo molenga.

- Não quer rever sua esposa e seu filho Xadrez?

O sapo choraminga:

- É tudo que mais quero.

A rã pede a ele paciência para executar mais uma parte do plano. Ela sai do vidro e dirige-se ao homem que cuida do restaurante:

-Lembra-se de mim?

-Pois é, voltei para negociar uma enorme quantidade de rãs.

O homem animado, sem perceber a armação:

- Claro.

- Quando posso ir buscar?

- Hoje à noite no brejo haverá uma festa e todas as rãs estarão no baile na beira do lago, vou preparar uma bebida para elas adormecerem e então, vocês atacam.

- Que tal?

O homem interessado;

- Perfeito.

- Mas, só quero rãs novinhas, rãs velhas como você têm a carne muito dura.

A rã fingindo-se compreensiva:

- Com certeza. Já não sirvo mais para nada. Espero apenas a morte. Numa desatenção do homem, a rã está de volta ao vidro, de longe avista o calango agarrando-se a ponta de linha, de repente, sente uma força externa e diz:

- É agora!

E o vidro cheio de água cai com muita força e quebra-se no chão, alagando todo o restaurante e molhando as pessoas que se encontravam lá. Revoltados, levantaram-se e saíram sem pagar a conta. O gerente desesperado gritava aos pulos:

- Quem fez isso?

E Dominó, a rã e o calango aproveitaram a confusão e escapuliram pelo buraco do muro que dava para o pequeno sítio. Foram chegando e, muito cansados, se espicharam no chão, porém não tiveram tempo para relaxar, outros bichos foram se aproximando, ansiosos, para saber do resultado da operação resgate.

Denise pegou, mais uma vez, seu megafone de lata e fez o anúncio:

- Atenção! A primeira parte da operação foi um sucesso.

Todos gritaram de contentamento;

- Viva! Viva!

Denise continuou:

- Porém, precisamos exterminar o inimigo comedor de rãs deste brejo.

Dama havia ido com Xadrez até a loca para um banho, nisto Dominó sentiu falta de sua família e, aflito, perguntou:

- Onde estão Dama e Xadrez?

- Será que?...

Denise sorrindo:

- Não se preocupe eles estão vindo, foram tomar banho para recebê-lo.

E o peixe vermelho com graça:

- E sapo precisa de banho?

- pelo que sei, eles só vivem molhados.

Todos riram com bastante alívio. A pequena investigadora previne a todos:

- Logo mais todos devem se recolher aos seus lugares, o dono do restaurante vem em busca de rãs para um novo criatório. Então peço que todos fiquem em total silêncio, para que, mais uma vez, sejamos vencedores e livres. Temos dois exércitos, os das formigas mordedoras e o das abelhas, acredito que elas darão conta de tudo. Agora preciso ir em casa, minha mãe deve está me procurando, estou com fome, as frutas acabaram, volto logo.

Quando Denise entrou viu a casa em silêncio.

De repente, a voz de sua mãe assustou-a:

- Onde andava, mocinha?

Denise responde:

- No quintal, mamãe, estava numa missão de resgate.

Mamãe sorrindo:

- Seu almoço está na mesa e suco na geladeira, depois venha se deitar um pouco.

- Não tem atividade da escola?

Denise responde tranquila:

- Mamã, esqueceu que hoje não houve aula?

Sua mãe se afasta para a varada da casa para bordar toalhas de banho. Rapidamente Denise come a comida deliciosa de sua mãe, passa em frente a televisão e para um pouco para assistir;

- Oba! O filme da Bela Adormecida!

Desconcentrou-se um pouco da vida do brejo. Quando olhou pela janela a lua já vinha saindo e ela apressou-se para voltar ao pequeno riacho que corta o sítio ao meio. Enquanto ela assistia ao filme as abelhas e as formigas realizaram uma falsa festa para atrair o gerente, de longe Denise ouviu a música, porém não pode mais se aproximar, pois sua mãe vinha correndo a caminho de casa arrastando um homem alto e de pele branca, arrastava pela gravata e gritava :

- Socorro!

- Um homem foi atacado pelas abelhas!

- Se não socorrer ligeiro, ele vai morrer!

Finalmente a mãe alcançou a área da casa, mesmo assim o enxame mostrava muita violência. Denise ainda pode observar a quantidade de formigas mordedoras em filas. Entraram em casa carregando o homem, Denise fechou as portas e mesmo assim as abelhas continuavam insistindo em entrar. A menina reconheceu a abelhuda e saltou de alegria. E pensou:

- Como ela é valente, tomara que tenha aprendido a fazer tudo para o bem, e aí, sim, o brejo será um paraíso para todos os bichinhos.

- Depois tenho que ir por lá vê como estão.

Ouve a voz da mãe:

- Denise, atenda a porta, chamei uma ambulância!

Denise corre:

- Sim, mamãe.

Entraram com a maca, o rosto do homem estava completamente destruído. Fizeram um procedimento de primeiros socorros e saíram. A pequena investigadora olhou pela fresta da porta e viu as abelhas e as formigas se afastando, em disparada, rumo ao riacho. Logo ela ouviu o estampido do sinalizador deixado na bolsa esquecida na beira. Ela entendeu que aquele era o sinal de que tudo estava bem.

Fim



Biografia da Autora

Roselene de Oliveira Dias Rodrigues, filha de Francisco das Chagas Dias e Maria Consuêlo de Oliveira Dias, nasceu na cidade de Fortaleza-CE no dia 09 de fevereiro de 1959, é professora da rede estadual de ensino do estado do Ceará atuando na Escola de Ensino Médio Raimundo Nonato Ribeiro, na cidade de Trairi, Ceará. É formada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) e Especialista em Linguística pela Estadual Vale do Acaraú (UEVA).



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação